Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 23.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 767 / € 1,50 / Diretor Filipe Alves Diretores Adjuntos Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino

BAIXAS MÉDICAS

Nova lei evitou quase meio milhão de consultas de médicos de família

Exclusivo DN O presidente da Associação dos Médicos de Família, Nuno Jacinto, faz um balanço positivo dos seis meses da lei que entrou em vigor em março e veio permitir aos serviços privados, sociais e de urgências passarem atestados por incapacidade. Só os privados passaram 90 mil e as urgências 39 mil. Mas, diz, ainda "há muita burocracia para retirar das funções dos médicos dos cuidados primários", que até 11 de setembro já passaram 1,6 milhões de baixas. PÁGS. 10-11

Caso Ihor

O julgamento póstumo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

PÁGS. 12-13

Futebol

Relatório dá razão a quem contesta o excesso de jogos. "Não há milagres, é preciso proteger o talento."

PÁG. 24

Cinema

Grand Tour, o candidato aos Óscares que fez renascer as cinefotonovelas

PÁG. 28





NUNO BRITES

REPORTAGEM

FÁBRICA DA TUPPERWARE EM MONTALVO SUSPENDE PRODUÇÃO

Apreensão, medo e ansiedade, o DN em reportagem junto dos trabalhadores

"Naquela altura éramos umas damas." O legado das reuniões da Tupperware

PÁGS. 4-7



JS E JSD AS "ESCOLAS DE QUADROS" QUE "RECOMPENSAM OS LÍDERES MAIS FORTES"

PÁGS. 8-9





Editorial

Nuno Vinha
Diretor-Adjunto do Diário de Notícias

Preservar a realidade num Tupperware

A iminente queda da Tupperware, uma empresa histórica icónica que se apresentou à falência na semana passada, teve um destaque modesto na imprensa nacional. É certo que os contornos trágicos dos fogos destes dias dominaram, e bem, os telejornais e a imprensa, seguido do rapaz que esfaqueou os colegas numa escola e do drama das escalas nas urgências do SNS. Tudo temas importantes.

Ainda assim, convém recordar que a Tupperware tem em Portugal, mais concretamente em Montalvo (Constância), uma das suas principais fábricas em todo o mundo, onde trabalham mais de 200 pessoas, a maior parte deles portugueses e da região. A empresa já deu e ainda "dá trabalho" a centenas (chegaram a ser mais de uma dezena de milhar) de representantes individuais que vendem os produtos da marca nas célebres "reuniões da Tupperware", à época um modelo inovador de comércio em venda direta.

Foi por isso que o Diário de Notícias foi a Montalvo em reportagem ouvir as apreensões dos trabalhadores em risco; foi por isso que foi falar com várias "consultoras" da Tupperware que venderam e ainda comercializam os seus produtos; foi por isso que recolheu declarações de antigos dirigentes da empresa em Portugal e Espanha sobre os motivos da queda, ou confrontou o Ministério da Economia sobre o futuro da fábrica em Constância. O resultado deste trabalho está no "Em Foco" da edição de hoje.

A história da queda da Tupperware é importante. Por causa da fábrica em Portugal, mas também por outras razões.

A falência da Tupperware é, na sua essência, a história de uma empresa que – conta quem a dirigiu – adormeceu à sombra do enorme sucesso que a marca conseguiu desde que Earl Tupper aproveitou polietileno rejeitado da Dupont e o moldou em produtos domésticos inquebráveis. Hoje, o nome Tupperware ainda é, em muitos países, sinónimo de "recipiente plástico" para guardar alimentos.

A companhia confiou demasiado no nome e na marca construída desde 1938, não foi capaz de se adaptar às novas formas de comércio eletrónico (que rapidamente atropelou o modelo da venda direta nas reuniões), foi lenta ou ineficaz na digitalização, leu mal a mudança de paradigma que foi a deslocação da produção para a Ásia e terá até desvalorizado a capacidade da China e da Índia de acompanhar e, em alguns casos, ultrapassar a inovação dos Estados Unidos e da Europa. No seu caso, o dos plásticos, a Tupperware passou a ter de competir com produtos de qualidade semelhante, mas muito mais baratos. Sem se reinventar, foi uma questão de tempo.

A lição – que os trabalhadores e os acionistas da Tupperware estão a aprender da forma mais dura – é útil para todas as empresas, de todos os setores. Para que um projeto possa ser sustentável, mesmo o de uma marca reconhecida e icónica, é preciso que saiba ler a realidade sobre si próprio e sobre o mercado em que está inserido; é preciso inovar de acordo com a realidade (nunca contra) e de acordo com os seus princípios identitários (nunca, nunca contra) e reter ou reforçar o talento que permita operar as mudanças. E depois trabalhar no duro.

A Tupperware não soube, sobretudo, adaptar-se à realidade. E chocou de frente. Não foi a realidade que se estilhaçou.

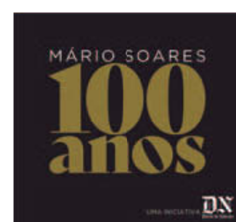
OS NÚMEROS DO DIA

900
BOMBAS CAÍRAM NA UCRÂNIA na última semana, afirmou Volodymyr Zelensky. O presidente ucraniano disse ainda ter a Rússia usado também 400 drones kamikase e 30 mísseis de vários tipos no mesmo período.

3
CARROS incendiados na madrugada de ontem em Lisboa, na zona de Santa Engrácia, obrigaram à evacuação de um prédio devido ao fumo. A Polícia Judiciária tomou conta do incidente, uma vez que "tudo indica" tratar-se de "fogo posto", segundo disse fonte desta polícia criminal à Lusa.

730
MILHÕES PASSAM FOME no mundo. O presidente do Brasil, Lula da Silva, afirmou ontem na ONU que não se pode "naturalizar" esta realidade.

30
VENDEDORES mantêm o apoio à revista *CAIS*, de apoio aos sem-abrigo, mas a presidente da associação que a produz, Matilde Cardoso, admitiu ontem, em entrevista à Lusa, que a publicação pode estar em causa, uma vez que a comunicação social em papel está a desaparecer.





23.9.2024

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Telles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

TUPPERWARE

Trabalhadores vivem dias de apreensão e medo de falar, mas também de esperança

FALÊNCIA O clima é de apreensão no concelho de Constância. Trabalhadores mais velhos temem não encontrar alternativas de emprego caso a fábrica encerre. Autarca pediu intervenção do governo.

TEXTO **ALEXANDRA BARATA**



A Tupperware suspendeu a produção da fábrica de Montalvo, em Constância, na tarde do dia 12 deste mês, alegadamente para reduzir o *stock* em armazém. Cinco dias depois, Laurie Ann Goldman, CEO da empresa norte-americana, anunciou, por videochamada, aos trabalhadores de todas as unidades a nível mundial que a multinacional ia entrar em falência, mas garantiu que estava a tentar encontrar investidores para darem continuidade à atividade da empresa. No concelho, a apreensão quanto ao futuro dos 200 trabalhadores em Portugal é notória.

Um dia depois da comunicação de Laurie Ann Goldman, na quarta-feira passada, o clima era de tensão à saída da fábrica de Montalvo. Entre as mais de 10 pessoas abordadas pelo Diário de Notícias/Dinheiro Vivo (DN/DV) todas se recusaram a comentar a situação. "Não vou falar" e "estou com pressa" foram as respostas mais ouvidas. Outras reagiram com frases curtas: "é falso que a fábrica vai fechar", "não, não vai encerrar", "vai haver uma reestruturação" e "estão a tentar resolver".

Ao contrário do que alguns tentaram fazer crer, a palavra "tranquilidade" não traduzia o estado de espírito dos trabalhadores, mas sim medo. Ao ponto de uma das operárias ter justificado o silêncio com o receio de uma "reprimenda". O que é certo é que, desde a reunião com a CEO da Tupperware, o eventual fecho da unidade de produção passou a ser tema de conversa diário na empresa.

Um trabalhador, que aceitou falar com o DN/DV na condição de não ser identificado, conta que Laurie Ann Goldman revelou na reunião que "tinham de fechar em alguma zona da Europa", sem precisar se seria a fábrica de Portugal ou da Bélgica. "Todas as pessoas, inclusivamente os chefes, foram apanhadas de surpresa e ficaram nervosas. Se declararam falência, como é que isto fica? Tenho filhos, vou ter de arranjar outro trabalho."

Avisar os operários

A maior preocupação, conta, é manifestada pelos operários na faixa etária dos 40 aos 50 anos, por recearem não arranjar emprego devido à idade. No entanto, a confirmar-se o encerramento, todos serão afetados. "Com filhos, casas, carros e contas para pagar, se não tiverem mais rendimentos torna-se muito complicado", observa. "Podiam dizer-nos que a partir de determinado mês já não há nada, para podermos procurar trabalho", defende o trabalhador. Contudo, está convencido de que encontrar alternativas não será fácil.

"Vamos para onde? O que é que vamos fazer agora?", questiona o operário. "Não temos idade para nos reformarmos, mas, se calhar, não vão dar emprego aos mais velhos. Além de que o mercado está como está", lamenta. "A CEO da Tupperware disse que já houve empresas que passaram pela mesma situação e que conseguiram reerguer-se. Mas para isso é preciso investidores. Em Portugal? Não acredito", atira.

A funcionar 24 horas de segunda a sexta-feira, a fábrica de injeção de plástico recebeu ordens para parar a parte da produção no dia 12. Vários outros trabalhadores contactados pelo DN/DV escusaram-se a falar desta suspensão , não confirmando nem desmentindo.

Apesar disso, a mesma fonte diz que os fornecedores continuam a entregar matéria-prima, porque a empresa só terá dívidas à banca. "A explicação que nos deram foi que era para escoar a parte do armazém para baixar o *stock*. Só que a empresa trabalha com *retails* e supermercados e tem contratos a cumprir, pelo que tem de meter as máquinas a trabalhar", argumenta. Desde então, os operários têm recebido indicações para fazer limpezas, reparações, e estão a fazer um curso de primeiros socorros, à semelhança do que tem sucedido todos os anos em outras áreas de formação.

O DN/DV confrontou a Tupperware Portugal sobre a suspensão da produção em Montalvo, mas até ao fecho desta edição não recebeu resposta.

Contratos acabam dia 30

Neste momento, o operário estima que cerca de 80% dos trabalhadores da fábrica de Montalvo sejam efetivos. Os restantes 20% têm contratos temporários, mas apenas até dia 30 de setembro. "Há dois anos despediram pessoas. Foi um processo um bocado estranho." Depois disso entraram mais contratados através de empresas de trabalho temporário, que estão a assegurar sobretudo os turnos da noite, entre as 23 e as 7 horas. A maioria dos efetivos recebe o ordenado mínimo ou um valor um pouco superior, determinado pelas categorias e pelas funções que exercem.

Assim que teve conhecimento



Fábrica dá emprego a cerca de 200 pessoas. Funciona em Montalvo desde 1980.

NUNO BRITES

A fábrica recebeu ordens para parar a parte da produção no dia 12. Apesar disso, os fornecedores continuam a entregar matéria-prima. "Explicaram-nos que era para escoar a parte do armazém, para baixar o *stock*."

da falência da Tupperware através da comunicação social, Sérgio Oliveira, presidente da Câmara de Constância há sete anos, tem feito tudo o que está ao seu alcance para evitar o encerramento da fábrica. Desde pedir esclarecimentos à unidade de produção, que o remeteu para o gabinete de comunicação, sem que tenha obtido resposta até então, assim como solicitar a intervenção do Ministério da Economia junto da empresa nos Estados Unidos. Preocupado com a situação, recorda que trabalham ali vários elementos da mesma família: casais e pais e filhos.

Num concelho com cerca de 3800 habitantes, onde os principais empregadores são a Celulose do Caima, a autarquia e o Campo Militar de Santa Margarida, que também emprega civis, o autarca socialista sabe que não haverá condições de garantir emprego a todos os trabalhadores que ali vivem. "Constância é um concelho pequeno, com algum tecido empresarial, que não vai conseguir absorver todas as pessoas que vão para o desemprego", vinca.

Apoios sociais

"A câmara municipal irá ajudar a que os direitos sejam respeitados através do pagamento de indemnizações e através da atribuição de apoios sociais às famílias", promete Sérgio Oliveira. "Mas os apoios mais robustos têm de partir do governo." Explica que uma "percentagem considerável" dos trabalhadores reside em Vila Nova da Barquinha e em Abrantes, que também disputou a localização da Tupperware, tanto que a unidade de produção fica no limite dos dois concelhos.

"Pedi o levantamento desses dados para ter uma noção mais concreta. Embora o impacto maior seja na freguesia de Montalvo, é toda a região que fica a perder", garante. Sérgio Oliveira, de 38 anos, não acredita que existisse alguma cláusula no contrato estabelecido entre a autarquia e a empresa, quando se instalou em Constância, em 1980, para salvaguardar este tipo de situações. "Isso foi no tempo do presidente Fernando Morgado. Admito que tenham sido dados apenas incentivos ao nível dos preços dos terrenos."

Sem carta de condução

Paulo Garcês, presidente da Junta de Freguesia de Constância, também está preocupado com o futuro da Tupperware. "As pessoas com quem falei ainda não sabem se fecha ou não fecha, mas estão com medo de não conseguirem arranjar outro emprego. Sobretudo as que têm mais de 50 anos. Alguns vão de boleia com colegas, porque nem sequer têm carta de condução", refere. "Nestes casos, ainda vai ser mais complicado conseguirem outro trabalho."

Apreensivo sobretudo com as famílias que têm vários elementos a trabalhar na fábrica norte-americana, com casas para pagar e com filhos em idade escolar, Paulo Garcês confirma que "não há muitas soluções" em termos de emprego no concelho. "Mas as pessoas ainda têm esperança de que, à semelhança do que se ouviu há uns tempos, em que se falava em fechar a fábrica e depois começou a laborar com mais força, este seja apenas mais um momento difícil", afirma.



Sérgio Oliveira
Pres. da Câmara de Constância



Laurie Ann Goldman
CEO da Tupperware Internacional

Presidente da Junta de Freguesia de Montalvo, Ana Luísa Manique diz que a notícia caiu como uma "bomba", depois de, há dois anos, ter havido uma redução do número de trabalhadores temporários e de terem chegado a acordo para rescindir com outros operários. "Só que, depois disso, voltaram a recorrer aos temporários. Nota-se um ambiente muito pesado na freguesia, mas a minha maior preocupação é com os efetivos que estão em faixas etárias em que não conseguem emprego", confessa.

"A Tupperware é uma multinacional bastante importante para nós em termos de emprego, mas também do pagamento de impostos", lembra. De qualquer forma, diz que "na zona industrial há algumas empresas no auge, com projetos importantes, que têm estado a contratar", embora admita que nem todos os operários se adequam às ofertas de trabalho. Acredita ainda que a ampliação do parque empresarial poderá atrair novas empresas, até porque o concelho é servido por boas acessibilidades.

Relação difícil

Ricardo Rodrigues, coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Transformadoras, Energia e Atividades do Ambiente do Centro Sul e Regiões Autónomas (SITE CSRA), garante que a estrutura está "disponíveis para defender os interesses dos trabalhadores e ajudar no que for necessário", mesmo não tendo associados na Tupperware. "Sempre tivemos um relacionamento muito difícil com as pessoas, apesar de tentarmos falar com elas sempre fora da fábrica e depois do horário de trabalho", assegura. "A empresa sempre foi uma fonte de bloqueio da atividade sindical."

"Sempre que há uma sangria de postos de trabalho há impacto na economia da região e na vida pessoal e familiar das pessoas", afirma. Tendo em conta que a falência da empresa e o eventual encerramento da fábrica de Montalvo apontam para esse cenário, compromete-se a "tentar contactar com alguém que trabalhe lá". A última vez que isso sucedeu foi há dois anos, quando foram dispensados mais de 100 trabalhadores temporários.

A medida foi, então, justificada pela Tupperware com a inflação, que terá contribuído para uma quebra acentuada nas vendas. Já em abril do ano passado as ações na Bolsa de Valores de Nova Iorque caíram quase 50%, devido à subida das taxas de juro, pelo que a empresa norte-americana manifestou receio de não ter liquidez a curto prazo. Incapaz de inverter estes resultados, veio anunciar agora a falência.

Pelo que o DN/DV apurou, nos últimos tempos a Tupperware fechou as unidades de produção em França e na Grécia e estará a preparar-se para encerrar também a única fábrica dos Estados Unidos, localizada na Carolina do Norte, onde trabalham 148 pessoas. A produção para este mercado e para o Canadá deverá ser assegurada no México.

"Naquela altura éramos umas damas." O legado das reuniões da Tupperware

EMPRESAS O negócio da multinacional norte-americana deu os primeiros passos no país no final da década de 60 e Portugal destacou-se no panorama internacional da marca de caixas de plástico. Antigos gestores estão confiantes na continuidade da operação.

TEXTO **RUTE SIMÃO**


A Tupperware foi pioneira no modelo de vendas diretas no início dos anos 50 do século passado.

No dia e na hora marcados a casa enchia-se de amigas, vizinhas e família. As famosas caixas de plástico de todos os tamanhos e cores, que eram o mote do encontro, despiam-se de protagonismo para dar palco a infindáveis horas de conversa. À volta da mesa partilhavam-se desabafos. "Passávamos tardes inteiras a falar, e nós, vendedoras, desempenhávamos o papel de psicólogas. As famosas 'reuniões da Tupperware' eram também uma oportunidade para confidências, e o que se dizia ali, ali ficava", relembra Cecília Pereira, de 64 anos.

A consultora da Maia, que soma mais de duas décadas ligada à marca de recipientes para alimentos, resgata as memórias destas icónicas tertúlias. Puxando o fio à memória, conta que era entre um gole de chá e uma fatia de bolo que o negócio se concretizava, a carteira de clientes crescia e a equipa aumentava. As pequenas assembleias, conduzidas com a leveza de um convívio informal, assumiam uma roupagem subtil de reuniões de negócios assertivas, com uma tríade de objetivos bem traçada: vender, agendar a próxima *party* Tupperware (denominação mais recente adotada pela insígnia) e recrutar.

A Tupperware foi pioneira no modelo de vendas diretas no início dos anos 50, nos Estados Unidos, e, década e meia depois, cruzou o Atlântico e chegou a Portugal. Sem lojas físicas, a comercialização dos produtos era consumada boca a boca. Os catálogos em papel anunciavam as novidades que prometiam revolucionar o ambiente doméstico. As equipas robusteciam-se a dois passos de casa com várias gerações a render-se à atividade.

Embora não fosse barato, o produto seduzia clientes e as transações multiplicavam-se. Rute Xavier, professora da Católica Lisbon School of Business and Economics, atesta que o modelo de negócio foi, de facto, revolucionário: "A par de outros exemplos de vendas diretas, como é o caso da empresa de cosméticos Mary Kay [fundada também nos Estados Unidos em 1963], foi um sucesso porque surgiu numa altura em que para as mulheres era complicado encontrar mecanismos de rendimento. Com a Tupperware podiam ficar em casa com as amigas e trabalhar ao mesmo tempo."

A inovação apresentou-se também como um ingrediente fundamental. "Nos anos 60 não existia tanta facilidade na compra de caixas para casa. O fecho hermético, que era uma novidade, e a qualidade dos itens foram disruptivos numa altura em que as alternativas eram de má qualidade ou nem sequer existiam", acrescenta.

O negócio, que se propagou num ápice no país, foi acolhido por mulheres de várias profissões. Aos 60 anos, Paula Crisóstomo, que gere uma equipa de 40 pessoas, confirma o perfil eclético das suas vendedoras: médicas, enfermeiras, professoras e contabilistas abraçam as vendas em paralelo.

Se há quem o faça a tempo parcial, para amealhar algum dinheiro extra, para a consultora de Rio Maior, que dedicou metade da sua vida a este trabalho, esta é a sua ocupação principal. Nos anos 90 uma amiga desafiou-a a dar o salto de fé. "Foi um sucesso até hoje. Na primeira semana vendi 200 contos, era muito dinheiro na época. Já ganhei bons ordenados aqui. Dediquei-me a isto de tal maneira que nunca quis outra profissão", garante.

A liderança de Portugal na operação internacional

O sucesso do negócio vindo dos Estados Unidos não tardou a dar frutos em terras lusas. António Gil, antigo diretor-geral da Tupperware em Portugal e Espanha, destaca que a multinacional, além de "tratar bem as pessoas, pagava salários acima da média". A operação dentro de fronteiras, relembra, "era extremamente lucrativa", com o país a ser "um dos melhores exemplos na rede dos 100" onde a marca operava.

"Fiquei na Tupperware Portugal até 2017 e nessa altura contávamos com uma rede de 15 mil trabalhadores independentes. A estes acrescia uma equipa de 30 quadros nos escritórios centrais, em Lisboa, e 400 trabalhadores na fábrica em Constância, que era, aliás, uma das duas melhores a nível mundial. Durante este período os lucros cresceram sete vezes e as vendas eram fantásticas", explica.

Na visão do empresário, o contexto económico do país deu um empurrão ao modelo de negócio que seguia em trajetória ascendente. "Portugal é conhecido por ser um país de baixos salários e, ao contrário do que se diz, os portugueses querem trabalhar e ganhar dinheiro. Esta era uma forma de aumentar o rendimento mensal. Na rede, cerca de 90% destes vendedores estavam a *part-time* e os outros 10%, que se dedicavam a tempo inteiro, ganhavam, obviamente, muito dinheiro", aponta.

O esquema de incentivos da norte-americana completava o pacote de regalias e dava gás ao entusiasmo comercial. As viagens, dentro e fora de portas, ou as estadas em alojamentos de luxo eram oferecidas como prémios às melhores vendedoras. "Nós éramos umas damas, umas senhoras. Chegávamos aos hotéis mais re-

A LONGA VIDA DA MARCA

1940





1950



1960



1970




JEAN-PHILIPPE KSIAZEK / AFP

putados e recebiam-nos com toda a pompa e circunstância. Visitámos lugares que de outra forma não teria sido possível conhecer", rememora Lucília Moita.

A enfermeira reformada, de 75 anos, coleciona infindáveis histórias das três décadas ao serviço da Tupperware e confessa que a ligação à marca "é um vício". Atualmente é atrás de um pequeno balcão que enfeita a entrada do discreto centro comercial O Pescador, na Costa de Caparica, que recebe os clientes, muitos deles fiéis há vários anos. As incontáveis caixas, utensílios e garrafas de plástico saltam à vista no expositor e no meio do caos colorido de tamanhos e formatos moram relíquias que foram apagadas das fábricas e dos catálogos.

Os tempos mudaram, as vendas arrefeceram e o amor à camisola é a única engrenagem que a faz continuar ligada aos recipientes criados por Earl Tupper, em 1946, e cujo modelo de vendas foi desenvolvido pela norte-americana Brownie Wise, dois anos mais tarde." O negócio já não é o que era, o rendimento é cada vez menor. Esta semana, por exemplo, não vendi quase nada", confessa.

Concorrência e gestão aceleraram queda do império do plástico

A época dourada das vendas da Tupperware chegou ao fim e dos tempos áureos restam as memórias. As *parties* Tupperware caíram em desuso – se já vinham a perder força nos últimos anos, a pandemia de covid-19 acelerou a declaração de óbito –, a concorrência de produtos de qualidade semelhante a preços inferiores ganhou músculo e as novas formas de negócio que emergiram impactaram o monopólio da marca.

"A Tupperware foi pioneira, mas depois faltou-lhe continuar a inovar na tecnologia, no *design* e na usabilidade. Há muitos produtos novos, mas continuam a ser iguais aos de há 30 anos", constata Rute Xavier. A mudança dos hábitos de consumo e o fácil acesso a estas embalagens nas grandes superfícies são outros dos desafios sinalizados pela docente, especialista em estratégia, organizações e empreendedorismo.

Para António Gil o modelo de negócio pioneiro "continua válido", mas, admite, "carece de modernização. Diria que não é tanto concorrência do supermercado, mas principalmente da compra via digital. A empresa deveria ter apostado na atualização das ferramentas digitais mais cedo e acredito que seria perfeitamente conciliável com a rede tradicional", sustenta.

Apesar dos obstáculos, para o antigo diretor-geral foi a troca de cadeiras nas lideranças que conduziu a empresa ao atual estado, empurrando-a para a situação de falência. "O CEO com o qual trabalhei, Rick Goings, tinha muita experiência. Embora a Tupperware tivesse alguns problemas de endividamento excessivo, o *chairman* era uma pessoa tão credível no mercado financeiro que havia sempre a possibilidade de renegociar dívidas. Em 2019 saiu e foi o mexicano Miguel Fernandez quem assumiu a continuidade. Os quadros diretivos foram também alterados e todas as pessoas que conheciam a Tupperware acabaram por sair. A partir daí assistimos a uma série de decisões completamente erradas que não tinham nada a ver com o *core business*. Não se chega a uma empresa e se corta com toda a inteligência que ela tem", argumenta.

As novas equipas, enquadra, traziam nos currículos experiência em marcas como a Herbalife ou a Avon, "que são empresas com culturas e formas de operar completamente diferentes". "Todo este cenário não foi benéfico e basta ver que as ações da Tupperware chegaram a valer 70 dólares e poucos anos depois, em 2020, caíram para dois ou três dólares. Havia qualquer coisa que não estava bem."

Na semana passada a bolha estourou com a norte-americana a iniciar um processo junto do Tribunal de Falências no estado de Delaware, ao abrigo do capítulo 11 do código das falências dos Estados Unidos. A multinacional, que acumula dívidas aos credores no valor de 700 milhões de dólares [cerca de 627 milhões de euros], afirmou ter sido "severamente impactada pelo desafiador ambiente macroeconómico". E pediu ao tribunal aprovação para "facilitar um processo de venda", bem como para continuar a operar enquanto os trâmites legais decorrem.

O antigo vice-presidente e diretor de operações da Tupperware, Simon Hemus, que integra a empresa há duas décadas, admitiu que as notícias que correm o mundo "são desconfortáveis e poderiam ter sido evitadas", sustentando que o atual contexto da companhia é "um caso de estudo de mau planeamento na sucessão da gestão, na falta de entendimento em perceber como a concorrência reduziu o preço com produtos mais inovadores e no risco da aposta em canais de distribuição com os quais não era possível competir".

Apesar das nuvens que pairam por cima do negócio com quase oito décadas, o empresário está otimista. "Não estejam muito alarmados, isto acontece às empresas. A companhia será reorganizada e esperemos que chegue alguém e a salve, porque é uma marca fantástica, com pessoas e uma estrutura de vendas fantásticas", disse num vídeo partilhado na rede socia*l* LinkedIn. Aos consultores deixou o apelo para se focarem "no negócio e se manterem calmos". defendendo que, nesta altura crucial, "têm a capacidade de fortalecer e ajudar o negócio".

Por cá, as indicações seguem o mesmo eixo, confirma a consultora da Maia Cecília Pereira. "As nossas chefias dizem-nos para continuarmos o nosso trabalho normalmente e afirmam que haverá grandes novidades no próximo ano. Espero que sim, pois há muita gente que precisa disto para viver", remata.



JS e JSD: as "escolas de quadros" que "recompensam os líderes mais fortes"

FORMAÇÃO As duas 'jotas' já deram deputados, secretários de Estado e até ministros. Mas só a social-democrata conseguiu ter um ex-líder como primeiro-ministro. Qual o peso, então, das maiores juventudes partidárias em Portugal?

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**



Pedro Nuno Santos, atual secretário-geral do PS, liderou a 'jota' socialista entre 2004 e 2008.

Quando a Juventude Socialista (JS) eleger o seu próximo líder, no congresso de dezembro, os jovens do PS terão o seu 15.º secretário-geral desde 1974. Será, ao mesmo tempo, a primeira vez em 18 anos que há dois candidatos à liderança: Bruno Gonçalves ou Sofia Pereira, um deles irá substituir Miguel Costa Matos, atual secretário-geral da JS, que deixa o cargo por já ter 30 anos de idade.

A última vez que houve uma disputa pela liderança da JS foi em 2006, quando Pedro Nuno Santos, atual líder do PS, derrotou João Tiago Henriques, cumprindo o seu segundo mandato à frente da 'jota' socialista (termo este que era, aliás, o nome da sua moção). Saiu dois anos depois, sucedendo-lhe outro nome conhecido: o ex-ministro Duarte Cordeiro.

Mas, historicamente, os líderes da JS não chegaram a patamares tão altos quanto os da Juventude Social-Democrata (JSD) – que continua a ser a única em Portugal a ter um ex-líder como primeiro-ministro (Passos Coelho, que comandou a 'jota' entre 1990 e 1995).

Paula do Espírito Santo, professora no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), recorda que "Pedro Passos Coelho teve até alguma dificuldade em se afirmar no partido, por ser um ex-líder da 'jota', se bem me lembro, por se considerar que o seu currículo era muito do aparelho. Chegar ou não a liderar um partido, e, neste caso, a primeiro-ministro, tem muito mais a ver com dinâmicas internas do que propriamente com o facto de se ter ou não um currículo marcadamente do aparelho partidário", sublinha a investigadora.

Ainda assim, é "positivo" que estas figuras, ligadas a juventudes partidárias, apareçam em lugares de relevo, numa altura em que a "filiação política tem vindo a decrescer". É importante dar "alguma visibilidade" aos militantes mais jovens, diz. Estas organizações, aponta, "são fenómenos pouco constantes na vida interna de um partido", sobretudo em "grandes partidos" como PS e PSD. Ou seja: "Tirando as escolas de verão ou as *rentrées*, escassos são os momentos em que conseguem algum palco."

> *"Chegar a liderar um partido e a primeiro-ministro tem mais a ver com dinâmicas internas do que com o facto de se ter ou não um currículo marcadamente do aparelho partidário."*
>
> **Paula do Espírito Santo**
> *Investigadora no ISCSP*

Socorrendo-se das palavras de Francisco Rodrigues dos Santos, ex-líder do CDS (ele próprio presidiu à Juventude Popular), que "disse, a certa altura, que os jovens tinham poucas oportunidades na política", a investigadora refere ainda que essa "dificuldade está muito presente sobretudo nos dois maiores partidos", mas "ambos têm um funcionamento próprio, que acaba por remeter as 'jotas' para segundo plano, apesar da ânsia de protagonismo político". Afinal, "estas 'jotas' acabam por funcionar, numa primeira fase, numa lógica de escola de quadros". Tal não é sinónimo, no entanto, de que este seja o único caminho para chegar onde desejam. "É uma escola de quadros e de bases, mas há membros dos partidos que só se juntam mais tarde e nem por isso são menos capacitados."

"Lideranças persistentes são recompensadas"

No universo PS, Pedro Nuno Santos é talvez o rosto de maior relevância que salta de entre ex-líderes da 'jota'. Mas antes outros nomes sonantes lideraram a estrutura. Por exemplo, António José Seguro, que chegou a secretário-geral do partido, esteve à frente da militância jovem socialista desde 1990 até 1994.

JUVENTUDE SOCIALISTA (14 LÍDERES)

1974-1978	Alberto Arons de Carvalho
1978-1981	José Leitão
1981-1984	Margarida Marques
1984-1990	José Apolinário
1990-1994	António José Seguro
1994-2000	Sérgio Sousa Pinto
2000-2004	Jamila Madeira
2004-2008	Pedro Nuno Santos
2008-2010	Duarte Cordeiro
2010-2012	Pedro Delgado Alves
2012-2016	João Torres
2016-2018	Ivan Gonçalves
2018-2020	Maria Begonha
2020-2024	Miguel Costa Matos

JUVENTUDE SOCIAL-DEMOCRATA

1975-1978	António Rebelo de Sousa
1978-1982	António Lacerda de Queiroz
1982-1986	Pedro Pinto
1986-1990	Carlos Coelho

E há ainda outros nomes, como Margarida Marques, ex-eurodeputada e ex-secretária de Estado dos Assuntos Europeus, ou Jamila Madeira, atual deputada e ex-secretária de Estado Adjunta e da Saúde, que acabaram por exercer funções governativas e com algum relevo.

Casos semelhantes há também na JSD. A atual ministra da Juventude e Modernização, Margarida Balseiro Lopes, liderou os jovens sociais-democratas entre 2018 e 2020, tal como o seu colega de governo, Pedro Duarte (ministro dos Assuntos Parlamentares), que foi presidente da JSD entre 1998 e 2002. Hugo Soares, secretário-geral do PSD e um dos homens próximos do primeiro-ministro, Luís Montenegro, também por lá passou entre 2012 e 2014.

O que mostra isto? "Mostra, sobretudo, que as lideranças mais perseverantes e persistentes, com líderes também eles mais fortes, foram recompensadas internamente. Esses casos são vários exemplos disso. A própria ascensão, do ponto de vista interno, foi também um pouco resultante disto", diz Paula do Espírito Santo ao DN. A investigadora acrescenta que há ainda "vários jovens que são deputados", como o ex-líder da JSD Alexandre Poço ou o ainda secretário-geral da JS, Miguel Costa Matos. Mas, frisa, tirando estes casos "não há muito mais relevância" das duas maiores juventudes partidárias.

Jovens afastados da política partidária

De acordo com o estudo do *Projeto Politicamente Desperto: Mais Informação, Melhor Participação*, publicado em 2023 pelo Conselho Nacional da Juventude (CNJ), há um afastamento dos jovens em relação aos partidos. Isto significa, explica o estudo, que preferem expressar-se através de atos como "assinar petições" ou "abaixo-assinados", mas nem por isso menos participativos. Entre as principais queixas, aponta o documento, estão a sensação de lentidão e burocracia da política portuguesa.

Significa isto que PS e PSD se devem repensar ou mudar a forma como encaram as suas juventudes partidárias? "Todos os partidos precisam de o fazer", aponta a investigadora. "Os partidos acabam por se adaptar, até pelos recursos de que dispõem", e "os dois maiores não são exceção". "Só assim", diz a docente, "acabam por se conseguir reinventar e continuar a ter uma base forte de recrutamento político".

"As lideranças mais perseverantes e persistentes, com líderes também eles mais fortes, foram recompensadas internamente."
Paula do Espírito Santo
Investigadora no ISCSP



Passos Coelho é o único ex-líder de uma juventude partidária que chegou a primeiro-ministro.

(16 LÍDERES)

1990-1995 Pedro Passos Coelho	**1998-2002** Pedro Duarte	**2005-2007** Daniel Fangueiro	**2010-2012** Duarte Marques	**2014-2018** Simão Ribeiro	**2020-2024** Alexandre Poço
1995-1998 Jorge Moreira da Silva	**2002-2005** Jorge Nuno Sá	**2007-2010** Pedro Rodrigues	**2012-2014** Hugo Soares	**2018-2020** Margarida Balseiro Lopes	**2024-?** João Pedro Louro

Nova lei aliviou médicos de família em 426 mil consultas para baixas

MEDIDA. O presidente da Associação dos Médicos de Família faz um balanço positivo dos seis meses da lei que entrou em vigor em março e veio permitir aos serviços privados, sociais e de urgências passarem atestados por incapacidade. Só os privados passaram 90 mil e as urgências 39 mil. Mas, diz, ainda "há muita burocracia para retirar das funções dos médicos dos cuidados primários", que neste período já passaram 1,6 milhões de baixas.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

O Decreto-Lei n.º 2/2024, de 5 de janeiro, que permite a emissão de Certificados de Incapacidade Temporária (CIT) – vulgo baixas médicas – aos serviços de saúde dos setores privado e social e aos serviços de urgências do Serviço Nacional de Saúde (SNS), ainda assinado pelo anterior ministro, Manuel Pizarro, e com entrada em vigor a 1 de março, já conseguiu aliviar os médicos de família em mais de 426 mil consultas para esta finalidade. Mas mesmo assim, seis meses depois de a lei entrar em vigor, os dados disponibilizados ao DN pelos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS) mostram que até ao dia 11 de setembro os médicos de família realizaram mais de um milhão e meio de consultas que resultaram em baixas médicas, mais precisamente 1.555.834.

Para o presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APMGF), Nuno Jacinto, o balanço da nova lei é positivo, embora destaque que ainda "há coisas que devem ser revistas e mudadas nesta legislação", nomeadamente no que respeita "à renovação das baixas, aos relatórios clínicos pedidos por ginásios e outras entidades e até na renovação do receituário".

Em relação às baixas, admite não haver dúvidas de que a nova lei veio aliviar "os cuidados primários" e repor o que diz ser "uma questão básica", que é: "O médico que observa o doente e que determina a sua incapacidade é quem deve emitir a baixa, quem a deve assinar e assumir essa responsabilidade."

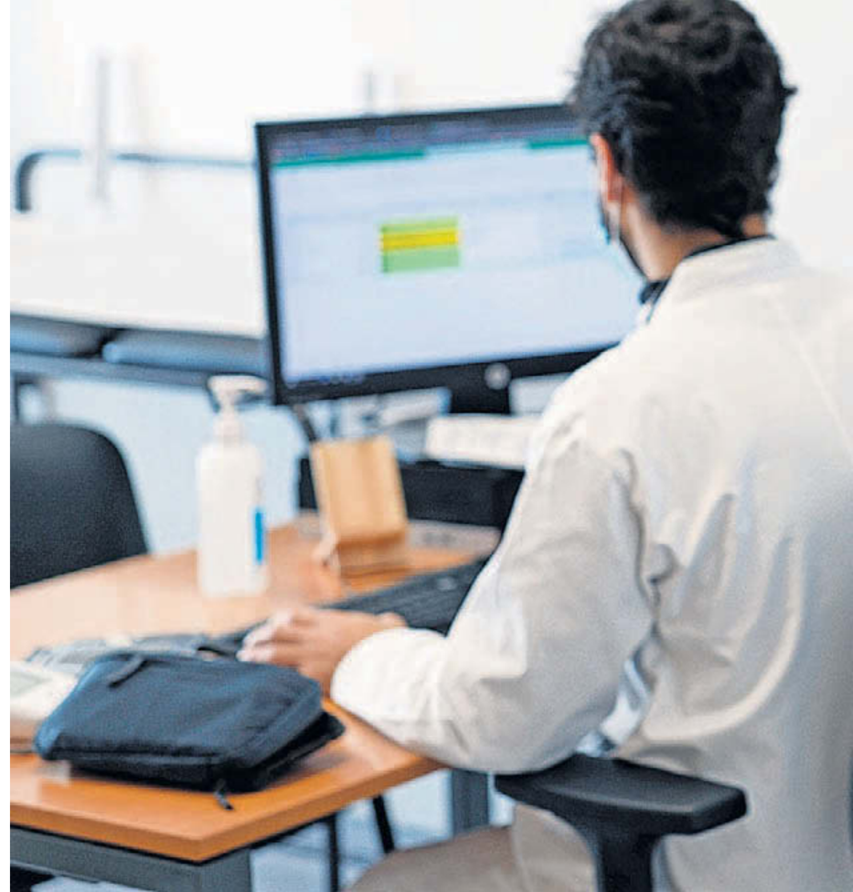
De acordo com o regime anterior, todas as baixas tinham de ser passadas pelo médico de família, mesmo que a incapacidade para o trabalho fosse observada numa consulta de um serviço de urgência, numa consulta externa de um hospital do SNS ou numa unidade de saúde privada ou social. E isto, para Nuno Jacinto, "era incompreensível". Aliás, ressalva, "a nova medida teve vantagens para os profissionais, que assim ficam com mais tempo disponível para consultas de doença aguda ou de doença crónica, mas também para os utentes, que escusam de sair de uma urgência ou de uma unidade privada e ter de ir para o centro de saúde à procura de uma vaga para pedir a baixa que outro médico lhe prescreveu".

Na verdade, e tendo em conta os dados do SPMS, de 1 de março a 11 de setembro foram passadas 426.456 baixas médicas fora dos centros de saúde, englobando aqui 292.336 passadas por diferentes entidades do setor público, através de médicos do Ministério da Defesa, da Justiça, dos hospitais do SNS e do ICAD (Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências), as 94.723 passadas pelos prestadores de saúde dos setores privados e social e mais 39.397 passadas pelos médicos das urgências do SNS.

Mas se a este total juntarmos ainda os números das Autodeclarações de Doença (ADD), os atestados de três dias que são pedidos pelo próprio doente *online*, sendo ele a atestar não estar em condições para trabalhar, o que passou a ser possível em julho do ano passado (antes este tipo de atestado também tinha de ser passado no centro de saúde), pode dizer-se que neste último ano os médicos de família foram aliviados em mais de 700 mil consultas, já que os dados do Ministério da Saúde revelam que de 1 de janeiro a 16 de setembro foram emitidas 321.533 ADD.

64.000

Diferença. Nos primeiros seis meses da nova lei, desde março, o número médio mensal de baixas passadas por médicos de família foi de aproximadamente 259 mil, enquanto o valor médio mensal nos oito primeiros meses de 2023 estava nos 323 mil (total de 2.586.590 de janeiro a agosto). São cerca de 64 mil baixas a menos por mês com as novas regras.



Além das baixas passadas fora do SNS, a Autodeclaração de Doença também libertou as consultas nos centros de saúde.

Renovações de baixa ainda enchem centros de saúde

Só que, e apesar do "balanço positivo", Nuno Jacinto assinala que "há pontos nesta lei que deveriam ser resolvidos". É o caso da renovação das baixas, que continuam a ter de ser passadas pelos médicos de família. Ou seja, "o período máximo de uma baixa é igual para todas as situações, 30 dias, mas imagine um doente que fez uma fratura de um pé ou de uma perna, um caso em que o colega do hospital sabe que a sua recuperação vai ser de três, quatro ou seis meses; nessas situações o colega deveria poder passar uma baixa por este período, mas não pode. Ao fim de um mês, o doente tem de ir ao centro de saúde para renovar a baixa".

Para o médico de família, "nas situações em que se justifica uma recuperação mais longa, a renovação deveria ser feita pelo mesmo colega". Senão continuam " a ser os médicos de família que ao fim de um mês têm de observar e avaliar novamente o doente para renovar a baixa a cada 30 dias". E lembra até que já há situações em que o que defende acontece: "Isso é possível nas gravidezes de risco, em que se pode passar uma baixa até à data prevista do parto." Por isto mesmo sustenta que ainda "há muitas coisas que têm de ser aprimoradas para facilitar a vida de todos, profissionais e utentes".

A situação tem feito com que muitas das consultas registadas para a passagem de baixas, desde março a setembro deste ano, sejam precisamente só para renovações. No entanto reconhece: "Podemos dizer sempre que gostaríamos de ser libertados de mais atos administrativos para melhorar a vida de todos, mas a verdade é que com esta medida já fomos libertados de milhares de consultas."

Relatórios para ginásios e medicamentos são problema

O presidente da APMGF salienta outra vantagem que resultou da nova lei – "evita algum conflito entre médicos, ter de gerir diferenças de opinião caso houvesse visões diferentes sobre um quadro clíni-



ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

co" –, mas volta a sublinhar que ainda há trabalho a fazer para se retirarem atividades desnecessárias dos centros de saúde. E dá exemplos: "Há outros atos meramente administrativos que podem ser retirados dos centros de saúde, libertando ainda mais tempo dos médicos para os utentes, como relatórios clínicos que são pedidos por ginásios ou outras entidades", argumentando: "Hoje, qualquer ginásio pede um relatório clínico a uma pessoa que se quer inscrever e a pessoa vai pedi-lo ao médico de família. Se quer terminar a inscrição antes do fim do período de fidelização, tem de pedir outro relatório, e andamos nisto, pelo que são muitas consultas para um ato administrativo. Esta questão tem de ser revista."

A renovação do receituário é outro ato que poderia ser agilizado. "Do nosso ponto de vista, não deveria passar pelo médico de família o número de caixas que se pode prescrever ao doente se a receita tem duração de seis meses ou de um ano. O que me interessa é que marco consulta para um utente daqui a seis meses para o observar novamente e que autorizo na receita que este utente tenha a medicação adequada durante este período. Agora se são cinco caixas, quatro ou sete, não interessa rigorosamente nada. O que quero é que o utente faça aquele medicamento. Era muito mais fácil para todos se evitássemos contagens automáticas", argumenta, sublinhando que "seria um avanço se as farmácias pudessem aceder a mais informação e fazer diretamente a gestão de número de caixas quase automaticamente".

Numa altura em que no país há 1,7 milhões de utentes sem médico de família, Nuno Jacinto considera que estas questões têm de ser trabalhadas para libertar ainda mais o tempo dos médicos que ainda estão no SNS. "É preciso que fique efetivamente transparente o que as várias entidades, ginásios, patrões, etc., podem pedir às pessoas, para que todos possamos cumprir e resolver esta questão burocrática nos centros de saúde."

anamafaldainacio@dn.pt

Investigador alerta: solos afetados por incêndios podem sofrer deslizamentos

NATUREZA Chuva persistente chega amanhã às zonas mais fustigadas pelos incêndios. Falta de revestimento vegetal pode causar problemas.

O investigador Joaquim Sande Silva considerou que na sequência dos incêndios do Centro e Norte do país estão criadas condições para a proliferação de extensas áreas invadidas por eucaliptos e devem avançar trabalhos de estabilização de emergência dos solos.

"Poderemos vir a ter um fenómeno semelhante àquele que tivemos em 2017, de ter áreas extensas invadidas por eucalipto", afirmou à Lusa o investigador na área da ecologia do fogo no Centro de Investigação em Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade (Cernas) do Instituto Politécnico de Coimbra (IPC) sobre os efeitos dos incêndios ao nível da vegetação.

Após 2017, recordou, "houve problemas grandes devido à expansão do eucalipto para áreas onde nunca tinha existido, numa circunstância muito semelhante" à atual, depois de incêndios num período "muito tardio, em outubro". "Podemos considerar que é também muito tardio porque estamos prestes a começar o outono e, neste momento, está a começar a chover, e então isso são as condições ideais para que as sementes de eucalipto que se libertaram durante o fogo, ou após o fogo, germinem logo a seguir", avisou.

Por outro lado, em termos de consequências para os solos, após grandes incêndios e severos, principalmente em zonas de montanha ou declivosas, com a destruição da vegetação e dos detritos chamados "folhada ou manta morta, o solo fica desprotegido", salientou Sande Silva.

Nestes solos sem revestimento vegetal como proteção e "com maior percentagem de areia", mais facilmente mobilizados pela água, podem surgir, como no passado, "aluimentos de terra, pedras que se desprendem" e, de um modo geral, o "aumento dos picos de cheia". "Se houver uma chuvada, se a bacia estiver coberta, a água vai-se distribuindo ao longo do tempo, se a bacia não estiver coberta de vegetação, a água concentra-se toda e escoa ao mesmo tempo, dando origem a grandes caudais" que podem originar inundações.

Ontem, o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) alertou para a ocorrência de chuva persistente a partir de amanhã nas regiões do Norte e do Centro de Portugal continental, sendo forte em especial no litoral e regiões montanhosas.

DN/LUSA


JOSÉ COELHO/LUSA

Solos afetados pelos incêndios ficaram vulneráveis às chuvadas que podem vir a acontecer nos próximos dias.

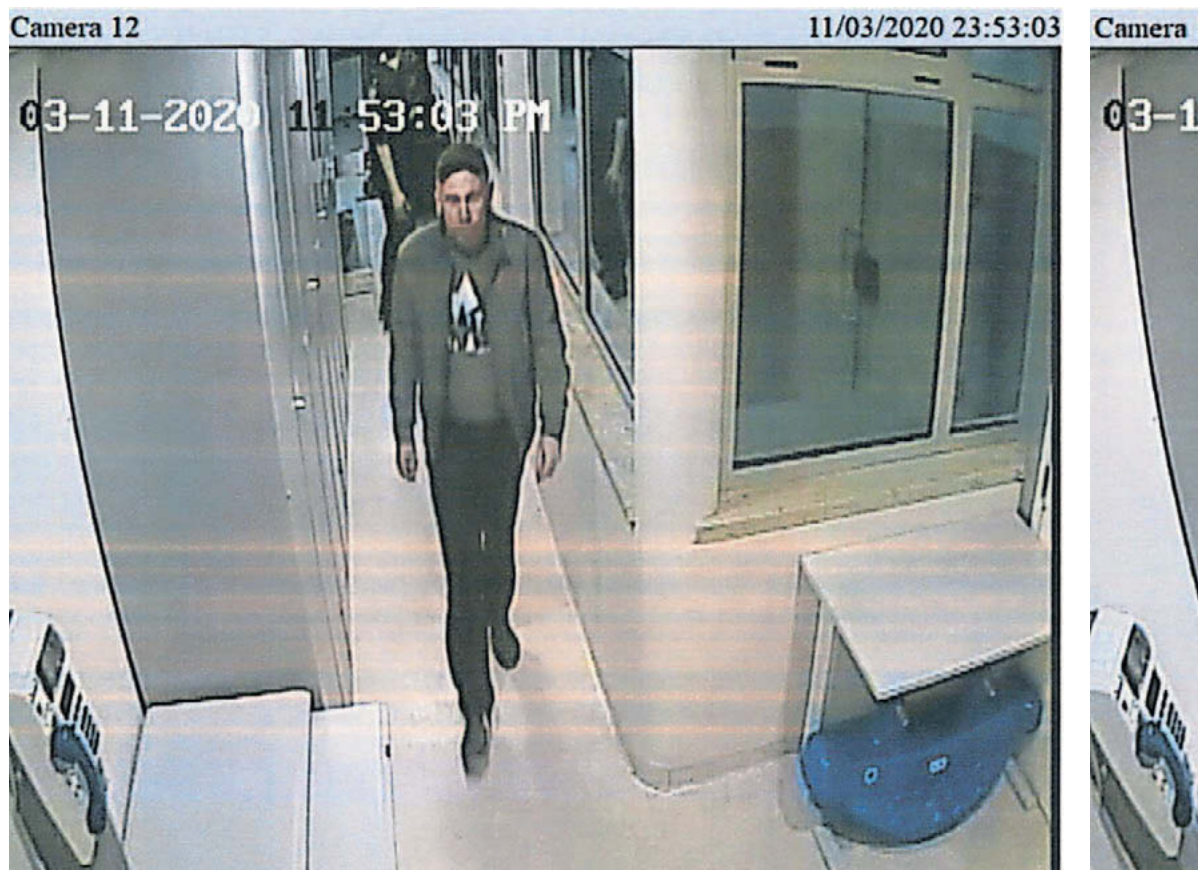
Descoberto na África do Sul genoma mais antigo

Investigadores reconstruíram os genomas humanos mais antigos da África do Sul até agora a partir de duas pessoas que viveram há cerca de 10 mil anos, revelando a história demográfica da região. A descoberta foi ontem anunciada por um dos autores do estudo, Victoria Gibbon, professora de Antropologia Biológica na Universidade da Cidade do Cabo (UCT). A mesma explicou que as sequências genéticas vêm de um homem e de uma mulher cujos restos mortais foram descobertos no abrigo rochoso sul-africano de Oakhurst, perto da cidade costeira de George, no Sul.

Segundo o estudo, estes restos fazem parte de 13 sequências reconstruídas a partir de pessoas cujos restos mortais foram encontrados neste abrigo e que viveram entre há 1300 e 10 mil anos. Antes destas descobertas, os genomas mais antigos reconstruídos na região datavam de cerca de 2000 anos. Esta descoberta revela que os genomas mais antigos eram geneticamente semelhantes aos dos grupos San e Khoekhoe, que vivem hoje na mesma região, refere em comunicado o principal autor do estudo, Joscha Gretzinger.

Gretzinger, do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva em Leipzig, na Alemanha, adianta que "estes novos resultados da África Austral são muito diferentes e sugerem uma longa história de relativa estabilidade genética". Os dados atuais do ADN mostram que isso só mudou há cerca de 1200 anos, quando os recém-chegados introduziram a pastorícia, a agricultura e novas línguas na região. **DN/LUSA**

O julgamento póstumo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras



JUSTIÇA Pela primeira vez, o conluio corporativo na violência policial está em julgamento. Um ex-membro da direção de uma polícia é arguido num caso de homicídio sob custódia e a ex-diretora livrou-se, por uma unha negra, de o ser. Há um antes e um depois da morte de Ihor Homeniuk.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

Foi quase nove meses após a morte do cidadão ucraniano Ihor Homeniuk, ocorrida a 12 de março de 2020, que o país acordou para o escândalo e exigiu responsabilidades – um "acordar" na sequência do qual a diretora nacional da polícia de fronteiras foi demitida, foi anunciada a extinção desse corpo de segurança e a atribuição de uma indemnização de cerca de 800 mil euros à família do morto.

E é mais de quatro anos depois que a justiça, tendo em 2021 condenado a nove anos de prisão os três inspetores (Duarte Laja, Bruno Sousa e Luís Silva) que responsabiliza diretamente pelo óbito, por terem agredido e deixado Ihor mais de oito horas algemado, inicia aquele que pode ser definido como o julgamento póstumo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

Isto porque em causa no julgamento que se iniciou a 16 de setembro e que esta segunda e terça-feira continua no Juízo Local Criminal de Lisboa está algo nunca antes visto nos tribunais portugueses: o apuramento de responsabilidades da hierarquia policial e a criminalização do conluio e da omissão de ação num caso de morte em custódia.

Desde logo porque um dos crimes em causa é denegação de justiça e prevaricação – ou seja, encobrimento – e dele acusado está o responsável hierárquico máximo da divisão do aeroporto de Lisboa do extinto SEF onde, como se costuma dizer, "tudo aconteceu".

Com ele, o ex-diretor de Fronteiras de Lisboa António Sérgio Henriques, que foi logo – a 30 de março de 2020, quando a Polícia Judiciária deteve os três inspetores entretanto condenados –, demitido do cargo e mais tarde, por proposta da Inspeção Geral da Administração Interna (IGAI), expulso da função pública, por se ter concluído que orquestrara, ao encarregar-se da escrita e supervisão dos relatórios oficiais, o encobrimento da "etiologia criminosa" da morte do cidadão ucraniano, estão também arguidos dois outros ex-membros do SEF. São eles o ex-inspetor-coordenador João Agostinho e a inspetora Cecília Vieira, acusados de homicídio negligente por omissão. Ou seja: por, malgrado o dever que sobre eles impedia de agir corretamente, impedindo a morte de Ihor, nada terem feito – nomeadamente, zelado para que o detido, que, crê a acusação, sabiam estar algemado e isolado numa sala sem videovigilância nem acompanhamento, fosse desalgemado.

Enfrentando a juíza Hortense Marques estão ainda dois ex-seguranças (funcionários da empresa de segurança privada Prestibel) do centro de detenção do SEF no aeroporto de Lisboa, Manuel Correia e Paulo Marcelo.

Estes últimos estão acusados de sequestro, por terem, confessadamente (admitiram-no no julgamento dos três inspetores, em que foram testemunhas), manietado Ihor com fita adesiva. Estão igualmente acusados do exercício ilícito de segurança privada.

Nas primeiras sessões do julgamento a maioria dos cinco arguidos prescindiu de fazer declarações – só João Agostinho falou, para assegurar que nada viu de "anormal" das duas vezes que, na manhã do dia 12 de março, antes e durante a intervenção dos três inspetores condenados por agressões a Ihor, espreitou para a sala onde o cidadão ucraniano fora colocado em "isolamento".

Embora quer no anterior julgamento (o dos três inspetores, no qual depôs como testemunha) quer no atual tenha assumido que notou que o "passageiro" – como eram referidos, na gíria do SEF, os detidos por aquela polícia – estava manietado com fita adesiva (que lhe amarrava os tornozelos), o ex-inspetor coordenador reconheceu simultaneamente que não era suposto isso acontecer e que nada fez para obviar a que acontecesse. Sobre nada ter feito para saber se Ihor fora desalgemado ou para que o desalgemassem (admite que sabia que os três inspetores estavam a algemá-lo), Agostinho, como antes enquanto testemunha, não parece ter uma justificação coerente.

Ex-diretora nacional do SEF testemunha na terça

Outro motivo pelo qual este julgamento funciona como julgamento póstumo do SEF é o facto de Cristina Gatões, a diretora nacional dessa polícia ao tempo dos factos (e que passou à disponibilidade, ou seja, à pré-aposentação, por despacho de julho de 2023), ter sido arrolada como testemunha.

No seu depoimento, que está previsto para esta terça-feira, a ex-dirigente deverá ser questionada sobre o que soube, como soube e quando soube e o que fez e não fez – matérias que, como o DN reportou em detalhe, até hoje nunca clarificou cabalmente.

Recorde-se que o Ministério Público (MP) ponderou levar Gatões a julgamento pelo crime de denegação de justiça e prevaricação – o mesmo pelo qual é arguido o seu antigo inferior hierárquico Sérgio Henriques –, por não ter comunicado de imediato à IGAI, mal teve dela conhecimento, a morte de Ihor ("Em caso de morte da pessoa detida deverá o comandante do estabelecimento policial comunicar imediatamente o facto ao MP, à IGAI e ao familiar mais próximo conhecido", decreta o despacho 5863/2015).

O crime em causa, previsto no artigo 369º do Código Penal, é cometido pelo funcionário que, "no âmbito de inquérito processual, processo jurisdicional, por contraordenação ou disciplinar, conscientemente e contra direito, promover ou não promover, conduzir, decidir ou não decidir, ou praticar ato no exercício de poderes decorrentes do cargo que exerce", sendo punido com pena de prisão até dois anos.

O MP desistiu da acusação por considerar que "mesmo que [Gatões] tivesse comunicado a morte no próprio dia à IGAI, o resultado seria sempre o mesmo." Ou seja, que a IGAI não iria efetuar qualquer investigação da morte, porque a comunicação que o SEF lhe faria mais cedo seria igual à que fez por ofício a 17 de março (e, diz Gatões, por telefone à inspetora geral da Administração Interna, Anabela Cabral Teixeira, no dia 16): que Ihor morrera de "causas naturais".

Revisitemos os factos: a então diretora nacional assume que foi informada por Henriques do óbito pouco tempo após aquele ter sido verificado e, como declarou à IGAI quando ali foi ouvida (no

> Nas primeiras sessões do julgamento a maioria dos cinco arguidos prescindiu de fazer declarações





âmbito do inquérito disciplinar do inspetor- coordenador João Ataíde), enviou de imediato uma SMS ao ministro da tutela (Eduardo Cabrita). Mas só cinco dias depois, a 17 de março, terça-feira (a morte ocorreu a uma quinta), enviaria a comunicação à IGAI a dar conhecimento do óbito.

Tal como no reporte efetuado no dia do óbito ao MP e à Embaixada da Ucrânia, a morte é, no ofício enviado à IGAI, atribuída a causas naturais. Mas, como o DN revelou, nesse mesmo dia 17 de março a Polícia Judiciária já iniciara a investigação do caso – por ter recebido, a 14 de março, uma denúncia anónima na qual se descrevia o crime (e inclusivamente se nomeavam dois dos inspetores agressores), e um aviso do médico que autopsiou o cidadão ucraniano de que este não morrera de "causas naturais" – alocando-o à Brigada de Homicídios. A PJ já estivera até, a 16 de março, nas instalações do SEF do aeroporto, sendo recebida por Sérgio Henriques; e no dia 17 foram, da Brigada de Homicídios, sido enviados emails para quer a direção de Fronteiras de Lisboa (ou seja, para Henriques) quer para a Direção Regional de Lisboa do SEF pedindo as imagens de videovigilância e a lista das pessoas que tinham estado no centro de detenção onde Ihor morreu – o Espaço Equiparado a Centro de Instalação (EECIT) de Lisboa.

E, a 19 de março, um email do diretor de Fronteiras de Lisboa (Sérgio Henriques) para a Polícia Judiciária, que o DN localizou no processo criminal, colocava a diretora nacional nos destinatários.

Mas Cristina Gatões garante não ter tido conhecimento de nada – nem sequer do email para a PJ de que foi destinatária. Terá estado 18 dias – de 12 a 30 de março – completamente alheada da existência de uma investigação de homicídio que tinha como alvo membros da sua polícia e durante a qual foram efetuadas várias inquirições de membros do SEF e funcionários da Prestibel.

Aliás, na primeira vez que falou publicamente sobre o caso, numa entrevista à RTP, em novembro de 2020, a diretora nacional do SEF garantiu só ter sabido o que se passara – e que classificou como uma "situação de tortura" – quando, precisamente, a PJ deteve os três inspetores envolvidos nas agressões, a 30 de março.

Seria demitida menos de um mês depois, a 9 de dezembro, quatro dias depois de o DN ter revelado que estava nos destinatários do referido email de 19 de março.

Houve logo suspeitas de violência, mas não foram investigadas pelo SEF

O total desconhecimento de Cristina Gatões da existência de uma investigação de homicídio é ainda mais surpreendente quando o inspetor-coordenador João Ataíde, à época a dirigir o Gabinete de Inspeção do SEF (supostamente existente para averiguar situações como a da morte de um detido), admitiu à IGAI que soube logo a 16 de março, por Sérgio Henriques, que a PJ estava a investigar o óbito, e que no dia seguinte reuniu com Gatões para, precisamente, falar das circunstâncias em que aquele ocorrera.

Ataíde, que também está arrolado para testemunhar nesta terça, foi encarregado por Gatões de visionar as imagens de videovigilância do EECIT para verificar se havia indícios de maus-tratos (o que, admite, fez em *fast-forward* no dia 16, acompanhado por Sérgio Henriques).

O motivo do pedido a Ataíde foi nestes termos explicado por Gatões nas suas declarações à IGAI: "Entendi que seria útil para a IGAI a informação sobre se nós tínhamos ou não... Se tinha havido alguma violência (...). Alguém me contou que ele [Ihor] se tinha atirado ou batido num armário". Informação que, explicou, a teria alertado para a possibilidade de ter podido haver "algumas agressões ou alguma violência".

A diretora nacional do SEF teria então suspeitas de que poderia ter existido violência sobre o homem que morreu e, ao invés de decidir a abertura de uma averiguação, pediu, antes de comunicar o óbito à IGAI, que as imagens fossem visionadas internamente. Terá primeiro solicitado a Sérgio Henriques que procedesse ao visionamento, mas, como este lhe tivesse dito que não tivera tempo, requereu o mesmo a João Ataíde.

Outra questão por esclarecer é por que motivo Cristina Gatões, que disse à IGAI ter pedido o relatório de ocorrência (RO) relativo a Ihor – trata-se de uma espécie de "diário" no qual deveriam ser anotadas pelos inspetores do SEF todas ocorrências relativas ao detido, que no caso incluíam desde logo o seu isolamento numa divisão separada dos outros "passageiros", às intervenções mais ou menos musculadas de que foi sendo alvo – logo no dia 12, e não se lembrar quando o recebeu, se a 13 ou depois, acaba por, como reconheceu ao MP, só ter tido acesso a ele a 16, sem que esse facto lhe determine uma averiguação.

É que não só é suposto os RO estarem "em dia" (o de Ihor só estava, no momento da sua morte preenchido até meio de 11 de março), como a acusação a Sérgio Henriques se baseia, precisamente, em que o ex-diretor de Fronteiras de Lisboa "cozinhou" o RO para encobrir o que se tinha passado, só tendo esse cozinhado ficado pronto na segunda-feira 16.

Cristina Gatões não terá achado estranho que o RO relativo ao morto não lhe fosse entregue no dia do óbito ou, o mais tardar, no seguinte? Não quis saber porquê? E, quando o leu – afirmou à IGAI que o leu "um milhão de vezes" – não reparou que era ali dada nota de que o cidadão ucraniano fora algemado, mas não de que fora desalgemado?

De resto, sendo a regra, ao algemar alguém, como explicou à IGAI um inspetor formador do SEF, que o algemado fique acompanhado, é óbvio da leitura do RO que tal não aconteceu – o que desde logo devia implicar à diretora nacional que houvera violação das normas e dos direitos do detido e determinar-lhe a instauração de um inquérito interno. Mas, como referido, só virá a fazê-lo a 30 de março, aquando da detenção dos três inspetores suspeitos de terem matado Ihor. Esse inquérito foi de imediato, por ordem de Eduardo Cabrita, avocado à IGAI.

Não podia Ihor Homeniuk, que na manhã de 10 de março de 2020, em vésperas do decretar do confinamento devido à epidemia de Covid 19, chegou, vindo da Ucrânia, ao aeroporto de Lisboa, com o objetivo confesso de "trabalhar", adivinhar que não mais dali sairia. E que a sua tragédia pessoal levaria à extinção da polícia de fronteiras portuguesa, a mudanças na legislação – como a obrigatoriedade de que todos os mortos em custódia ou na sequência de intervenção policial sejam sujeitos a autópsia – e ao primeiro julgamento em que são examinadas as responsabilidades da hierarquia num caso de violência policial.

Buçaco, um catálogo fóssil da Pré-História

CIÊNCIA Nos últimos anos, a região do Buçaco abriu o seu arquivo histórico com centenas de milhões de anos. Daquele território estão a sair registos fósseis da fauna e flora pretéritas. O paleobotânico Pedro Correia e o geólogo Artur Sá dão-nos conta do alcance destas descobertas.

TEXTO **JORGE ANDRADE**



Afloramento fossilífero do Carbonífero da Bacia do Buçaco onde foi descoberto o fóssil de *Bussacoconus zeliapereirae*, incluindo uma nova espécie de barata primitiva e outra de gimnospérmica (conífera) primitiva.

Há inúmeras formas de captar uma paisagem. Vemo-la no seu momento presente, nos carateres que a identificam. Podemos fixá-la para a posteridade, na pintura ou na fotografia. Os investigadores Pedro Correia e Artur Sá olham para um território de outra forma. Fazem-no numa escala de tempo longa, na ordem das centenas de milhões de anos. Procuram-lhes nos estratos geológicos, aparentemente imutáveis aos olhos do leigo, toda uma vida que pululou em milénios passados.

O território do Buçaco, na região Centro do país, revela-se um viveiro de achados fósseis. A fauna e flora pré-históricas ali presentes dão-nos testemunho de um mundo então em mudança. Deste facto nos deu prova recentemente Pedro Correia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Geociências do Departamento de Ciências da Terra, ao anunciar a descoberta de um estróbilo (cone) fóssil de um novo género (*Bussacoconus zeliapereira*) e nova espécie (*Sphenophyllales, Polypodiopsida*) de uma planta articulada extinta. Uma planta que existiu na região do Buçaco há cerca de 300 milhões de anos, no fim do Período Carbonífero ou Carbónico. A *Bussacoconus zeliapereirae* pertence a um grupo irmão das atuais cavalinhas, da ordem *Equisetale*, tem o seu nome dedicado a Zélia Pereira, especialista em palinologia do Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

Pedro Correia adjetivava a descoberta de "espetacular", porque "este tipo de frutificações de *Sphenophyllales* são raras no registo fóssil, o qual é muito fragmentado e pouco se conhece sobre a sua verdadeira diversidade taxonómica".

Antes de percebermos o alcance dos achados no Buçaco, há que desenhar os contornos da paleobotânica. Responde-nos Pedro Correia: "Na paleobotânica lidamos com muitos fragmentos e na maioria das vezes eles representam diferentes partes fossilizadas do mesmo táxon biológico, como folhas, caules, raízes, sementes e órgãos reprodutores. Para conectar as diferentes partes fossilizadas destas plantas primitivas e estabelecer uma relação de parentesco é necessário ter um entendimento claro da morfologia e, em alguns casos, também da anatomia, de táxones modernos comparativos".

Aliado a esse conhecimento, o paleobotânico junta-lhe a perceção dos diferentes contextos geológicos nos quais todos os fragmentos de fósseis vegetais ficaram preservados, bem como dos tipos florais e principais grupos de plantas, de forma a compreender o tipo de climas e ambientes que estas floras do passado habitaram. "A compreensão de todos estes aspetos é a base do estudo da paleobotânica. É por isso que esta ciência é tão fascinante e desafiante, porque o registo fóssil vegetal é quase sempre muito fragmentado e disperso; um verdadeiro 'quebra-cabeças paleontológico", enfatiza o investigador.



Fóssil da barata primitiva *Poroblattina anadiensis*.







Pedro Correia
Paleobotânico

Um território com inúmeros endemismos

De momento, Pedro Correia tem na agenda "uma nova espécie, cujo trabalho se encontra em processo de revisão. *Florinanthus bussacensis* corresponde a um estróbilo masculino de uma gimnospérmica da já extinta ordem das *Cordaitales*, um grupo de coníferas primitivas que eram tolerantes ao clima seco e quente, clima esse que foi generalizado nas regiões tropicais do Pangeia Central, o super-



Fóssil da nova espécie *Florinanthus bussacensis* corresponde a um cone (estróbilo) masculino de uma gimnospérmica da já extinta ordem das *Cordaitales*.

continente onde estava localizada a antiga Ibéria [o atual Maciço Ibérico] durante o final do Período Carbonífero [há 359 milhões e 299 milhões de anos]".

Nos últimos anos, o território do Buçaco ofereceu à ciência outros achados. Isso mesmo nos recorda o paleobotânico: "Nas campanhas de prospeção que já realizámos na Bacia Carbonífera do Buçaco conseguimos identificar e descrever até ao momento três novas espécies para a ciência, todas elas encontradas na mesma jazida fossilífera. Estas descobertas são surpreendentes, porque não é muito comum, eu diria extremamente raro, descobrir-se fósseis de diferentes espécies novas, como as já referidas *Bussacoconus zeliapereirae* e *Florinanthus bussacensis* e a *Poroblattina anadiensis*, num só afloramento e nos mesmos níveis rochosos."

Sobre a espécie *Poroblattina anadiensis* pormenoriza Pedro Costa: "Corresponde a um grupo extinto de baratas parasitoides e ancestral das baratas modernas que existiu no final do Paleozoico, durante o Carbonífero." E acrescenta que "estes insetos tinham a particularidade de possuir um ovipositor. Este tipo de órgão especializado foi uma estratégia evolutiva para estes dictiópteros primitivos obterem uma fonte segura de alimento para as suas crias, mas também permitir a sua segurança contra potenciais predadores. Um clima progressivamente mais quente e seco que caracterizou a região do Buçaco no final do Paleozoico conduziu ao aparecimento de grupos específicos de insetos, tais como o descrito".

A fauna e flora pré-históricas presentes no território do Buçaco dão-nos testemunho de um mundo então em mudança.

Informações valiosas sobre a evolução do clima

Olhar para este passado remoto convida-nos a um exercício de reconstituição da paisagem e do clima da época, distintos dos atuais. "A flora que existiu na bacia do Buçaco no final do Período Carbonífero, sensivelmente há 300 milhões de anos, viveu em condições ambientais e climáticas confinadas a uma região intramontanhosa, na qual sistemas fluviais funcionaram como mecanismos de transporte de muitos restos vegetais e de sedimentos erodidos de rochas circundantes. A combinação de um ambiente como o que referi e clima, então tendencial ou progressivamente mais quente, favoreceu um endemismo local."

Sobre o alcance da descoberta do novo fóssil de estróbilo, batizado de *Bussacoconus zeliapereirae*, o investigador da Universidade de Coimbra adianta que "fornece novidades macromorfológicas evolutivas para as estruturas reprodutoras das *Sphenophyllales*, um grupo extinto de plantas articuladas que é ainda muito pouco compreendido e cuja diversidade taxonómica está subestimada".

As floras fósseis do Buçaco foram preservadas no registo fóssil durante um intervalo de transição climática para um período de aquecimento no final do Período Carbonífero. Esta paleobotânica "fornece informações valiosas sobre a evolução do clima na Ibéria durante aquele intervalo de tempo. A descoberta de novos elementos florísticos, como os já referidos, será utilizada para estimar a biodiversidade de plantas antes e depois da mudança climática ocorrida na Ibéria no final do Paleozoico como modelo para a biodiversidade e adaptação dos ecossistemas vegetais durante as alterações futuras", detalha Pedro Correia.

Artur Sá, investigador da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), coautor do trabalho sobre a *Bussacoconus zeliapereira*, sublinha que o período ao qual reportam os fósseis descobertos "foi desafiante, muito devido às condições climáticas extremas e às transformações geográficas que então ocorreram. O clima quente e húmido nas áreas intertropicais foi responsável pelo desenvolvimento de vastas florestas pantanosas, mas também foi posteriormente marcado por grandes variações, como a ocorrência de uma grande glaciação, centrada no hemisfério sul, ou a transição para clima mais quente e árido, factos ocorridos no final deste período".

De acordo com o também docente do Departamento de Geologia da UTAD, "as temperaturas elevadas favoreceram a proliferação de plantas e invertebrados, enquanto os vertebrados, como os primeiros répteis, começaram a adaptar-se às novas condições climáticas e ambientais. Este foi um período marcado também pela formação do supercontinente Pangeia, realidade que alterou significativamente os padrões de circulação atmosférica e oceânica e que conduziu a desafios ecológicos e adaptativos significativos, moldando o aparecimento e evolução de novas e espécies, o que levou a alterações relevantes na biodiversidade de então".

O trabalho assinado por Pedro Correia e Artur Sá, publicado no jornal internacional *Historical Biology*, está disponível para consulta *online* sob o seguinte título: "The evolutionary macromorphological novelties of Bussacoconus zeliapereirae gen. et sp. nov. (Sphenophyllales, Polypodiopsida) from the Upper Pennsylvanian of Portugal.



Opinião
Paulo Trigo Pereira

A inteligência artificial generativa no ensino superior: ameaça ou oportunidade?

As aplicações de inteligência artificial generativa (IAGen) estão já a provocar uma revolução silenciosa no ensino superior. As suas aplicações são imensas. Com décadas de germinação, a sua popularização veio com o ChatGPT, da OpenAI, em 2022, rapidamente seguido pelo Bart (agora Gemini), da Google, ou do Copilot, da Microsoft, a par de dezenas de aplicações relevantes em todos os domínios das ciências às artes. Isto é apenas o início de algo que transformará profundamente o ensino superior na maneira como os estudantes hoje estudam, investigam e fazem os seus trabalhos, como os professores definem os seus *curricula*, ensinam e avaliam os seus estudantes e como a instituições universitárias funcionam nos processos de recrutamento e de gestão dos recursos humanos. Deste modo, muitas faculdades e universidades estão já a aprovar orientações pedagógicas para o uso da IAGen.

É hoje possível não apenas resumir mas recriar, através do uso de algoritmos e imensas bases de dados, textos, imagens, músicas completamente novas. Pode transformar-se documentos Word em apresentações PowerPoint e vice-versa. É possível obter resumos de artigos científicos ou resenhas de literatura bem estruturados. Elaborar ensaios ou trabalhos finais de mestrado em várias áreas científicas. Processar com muita velocidade (e muito consumo de energia) imensas quantidades de dados. A IAGen pode ajudar na elaboração de *curricula* na própria avaliação dos estudantes.

As boas aplicações de IAGen têm, assim, um enorme potencial, mas têm riscos significativos associados e que podem ir contra os valores essenciais das comunidades académicas: integridade ética, excelência académica, inovação e criatividade, inclusão e responsabilidade social e ambiental.

Será que as orientações pedagógicas para as instituições de ensino superior devem ser definidas a nível de cada universidade ou de cada escola ou departamento? Como salvaguardar o valor insubstituível dos professores, mesmo com a utilização generalizada da IAGen? Como é que a IAGen está a mudar o papel dos professores e dos tutores nas faculdades? Quais são as mudanças prováveis nas técnicas de avaliação para serem eficazes, garantirem a integridade e desencorajarem o plágio? Podemos esperar que novas aplicações de IA eficientes detetem o plágio como as usadas até há bem pouco tempo (*e.g.* URKUND)? Quais são as utilizações razoáveis e não razoáveis da IAGen na avaliação dos alunos, tendo em conta a transparência da sua utilização na avaliação? Será que devemos introduzir a literacia em todos os programas curriculares, formando professores e estudantes? Como corrigir desigualdades de acesso a tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente pelo facto que as versões pagas das aplicações terem bastante maior capacidade do que as versões gratuitas? Qual a melhor forma de transmitir aos estudantes a forma como os enviesamentos dos dados influenciam os resultados da IA? Como reduzir o individualismo que pode ser promovido pela IAGen e promover as competências sociais e o pensamento crítico?

> **Devemos tornar claras as regras para o uso ético e responsável da IAGen por parte de todos os atores da comunidade académica.**

Não há respostas simples para estas questões, mas devemos discuti-las e encará-las com frontalidade e sobretudo tornar muito claras, em cada estabelecimento de ensino superior (para não falar no básico e secundário), as regras para o uso ético e responsável da IAGen por parte de todos os atores da comunidade académica.

Uma reflexão sobre estes temas é desenvolvida no relatório *Generative AI in Higher Education: Challenges and Opportunities*, que será lançado e disponibilizado *online* amanhã pelo Institute of Public Policy – Lisbon (https://www.ipp-jcs.org/), no ISEG, pelas 17h00. Aí teremos a oportunidade de conhecer as reflexões do governo sobre a matéria, através da secretária de Estado da Ciência, bem como a perspetiva, provavelmente diversa, de professores e estudantes.

Professor catedrático do ISEG e presidente do Institute of Public Policy.



Opinião
Paulo Guinote

Dois alunos

São dois, mas poderiam ser certamente mais, embora não propriamente uma multidão, os alunos que ao longo de muitos anos no ensino se destacaram por um perfil invulgar de talentos e capacidades que o nosso modelo de ensino tem muita dificuldade em captar e encaminhar de forma a permitir-lhes a sua mais adequada expressão.

Recordo o caso do M., aluno meu há uns 15 anos, com características muito peculiares, pois era o exemplo clássico do génio desastrado, com uma imaginação e criatividade ímpares, a par de uma personalidade algo passiva, mesmo se não era socialmente inadequada. Com 10-11 anos produzia alguns dos textos mais articulados e informados que pude ler, mas fazia-o com uma caligrafia atroz e uma assinalável inépcia na forma de organizar um simples caderno diário ou os seus materiais de trabalho: havia sempre algo a cair, a não funcionar, a ser esquecido. Mas, sendo-lhe pedido um texto ou ilustração e sendo-lhe dado um tema, no momento ou com tempo para pesquisa, saía sempre algo de original, de especial, com um brilho próprio, em fuga aos modelos mais canónicos. O que o prejudicou a prazo por chocar com as exigências normativas de quem, imune aos pedidos para que a situação do M. fosse encarada como especial, achou quase sempre que o mais importante era fazer as médias e ponderações de acordo com a formatação das instruções superiores. E o M. lá fez a escolaridade obrigatória, cada vez com classificações mais medianas e obrigado a integrar-se na paisagem.

Outro caso, mais recente, foi o do X., que apresentava uma capacidade excecional de memorização e combinação das informações que "devorava" de forma ávida, embora seletiva. Em vários momentos fui obrigado a responder-lhe que teria de ir confirmar alguns aspetos das informações que ele queria aprofundar. O seu vocabulário era muito rico e muito desenvolvida a capacidade de transmitir o que sabia, só hesitando perante algumas atitudes dos colegas. Mas brilhava sempre que lhe era pedido que expusesse as suas ideias e argumentos sobre um dado tema.

Ainda me cruzo ocasionalmente com ele, notando como se tornou cada vez mais cinzento, cabisbaixo. Perguntando-lhe pelas notas atuais, relata-me um declive parecido ao do M., a caminho de uma imerecida normalidade. E demonstra um triste desinteresse por isso, como se lhe tivessem apagado aquela luz especial que eu lhe via.

Implica coragem admitir que se andou a instalar um modelo de ensino que favorece principalmente dois estratos de alunos: os que apresentam um baixo rendimento académico, quantas vezes por desinteresse, traduzido em atitudes que prejudicam principalmente o bem-estar dos colegas, e os que, integrados em agregados familiares de maior afluência económica, vão estudar para escolas privadas, ditas de "topo", onde certas atitudes não são toleradas. Os primeiros beneficiam de uma pretensa "inclusão" que os desresponsabiliza, deslocando para os docentes o ónus da prova de um eventual insucesso, enquanto os segundos fazem parte do estrato de privilegiados de um sistema educativo dual e cada vez mais desigual.

Pelo meio ficam muitos alunos que fazem o seu percurso entre o mediano e o muito bom, na base do trabalho e esforço, mas perde-se uma quantidade por apurar de "inadaptados", de *outliers* que combinam um talento especial e um desajustamento com a normalidade, que nem a família nem o modelo educativo parecem ter preparação para compreender e manter vivo.

Professor do ensino básico.



PEDRO CORREIA/GLOBAL IMAGENS

No negócio de compra e venda de casas "o que realmente faz diferença é o fator humano".

IA traz eficiência e rapidez à venda de casas, mas não substitui o agente

IMOBILIÁRIO Novas ferramentas tecnológicas já ajudam os compradores a escolher o imóvel ideal, com sugestões e imagens personalizadas. *Apps* e assistentes virtuais são rostos da IA.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

Se já viu anúncios de casas nas redes sociais ou em *sites* de notícias, muito possivelmente foi selecionado por um algoritmo que o identificou como um potencial cliente para esse imóvel. E a fotografia que viu foi selecionada com recurso a inteligência artificial (IA), que considerou a imagem passível de atrair a sua atenção. Estes são alguns dos rostos da IA na atividade da mediação imobiliária, mas há muitos mais e outros virão.

Como revela Mariana Coimbra, diretora de Marketing da ERA, muitas das descrições de imóveis que aparecem no *site* da marca foram construídas com a ajuda do ChatGPT e as imagens foram trabalhadas por uma ferramenta de *home staging* virtual com IA, que ajudam "a sonhar com aquilo em que um espaço vazio se pode tornar ou até mesmo com o que um imóvel para reabilitação ou construção pode ser".

Nos últimos anos, as ferramentas de IA entraram progressivamente nas redes imobiliárias. Ajudam a vender casas de uma forma mais eficiente e rápida, mas também apoiam o trabalho dos agentes imobiliários. Na Zome está presente em várias frentes do negócio. Segundo Carlos Santos, CEO desta rede, esta tecnologia auxilia "a automatizar tarefas administrativas, como a validação documental e o tratamento de processos financeiros".

Na área de *marketing* "é usada para criar conteúdos e peças de divulgação de imóveis de forma mais rápida e personalizada" e permite "identificar de forma acelerada o imóvel certo para o cliente certo", adianta Carlos Santos. Com a IA "conseguimos criar campanhas de *marketing* mais impactantes, melhorar a tomada de decisão com base em dados e oferecer uma experiência de cliente mais personalizada". Em conclusão, garante um "serviço mais ágil e eficaz". Na Century 21 a aposta tem sido na análise de grandes volumes de dados, no reconhecimento de padrões, na interpretação do mercado, na introdução de *chatbots* para melhor qualificar os clientes e as suas necessidades e nas traduções automáticas,

> A inteligência artificial "poderá ser um importante regulador do preço da habitação", prevê Mariana Coimbra, da ERA.

Sem sombra de dúvida, o imobiliário "está à beira de uma transformação profunda impulsionada pela IA", frisa Caetano de Bragança, diretor de consultoria na JLL. "Tecnologias como a IA generativa e outras inovações vão remodelar o setor, desde a criação de novos tipos de ativos até à redefinição de modelos de investimento e receitas." No curto prazo "continuará a melhorar a eficiência das transações imobiliárias, proporcionando uma maior previsibilidade no mercado e facilitando a personalização da experiência dos clientes".

Um pouco mais para a frente "será essencial para o desenvolvimento de edifícios inteligentes e sustentáveis, ajudando a otimizar o consumo energético e a gestão dos espaços e recursos", diz. E também "será cada vez mais usada para prever tendências de mercado e identificar novas oportunidades de investimento". Ricardo Sousa, CEO da Century 21, destaca ainda as possibilidades de geração automatizada de *leads*, o reconhecimento de imagens, análises de mercado, processos de prevenção e branqueamento de capitais, criação automática de textos descritivos, entre outras potenciais tarefas. Para os agentes imobiliários será "um enorme acelerador da sua profissionalização", aponta Mariana Coimbra. E "poderá ser um importante regulador do preço da habitação", prevê.

Inteligência emocional

Com tantas tarefas que já executa e virá a assegurar, a IA parece que não irá substituir os humanos. Esta é a forte convicção das várias redes contactadas pelo DN/DV. "Não substitui e não vai substituir o papel dos agentes imobiliários. A inteligência emocional e a conexão humana são insubstituíveis", sublinha Ricardo Sousa. Para o gestor, neste mundo onde a tecnologia tende a estar presente em tudo, "o que realmente faz diferença é o fator humano: a empatia, a capacidade de entender que cada pessoa tem as suas aspirações e até de perceber que comprar ou vender uma casa não é uma simples transação".

Para Marco Tairum, CEO da Keller Williams Portugal, o papel da tecnologia é apoiar e suportar o negócio dos consultores, e não substituí-los. O foco tem de estar na formação, que é essencial para ajudar os consultores a fazerem a adaptação a esta nova tecnologia, em tornar a IA "numa mais-valia para as diferentes necessidades" do negócio. "Os consultores com maior resistência podem, a longo prazo, sofrer o impacto dessa falta de adaptação, mas isso acontece com a IA como em qualquer outro processo de evolução", conclui.

Manuel Alvarez, presidente da RE/MAX Portugal, também está seguro de que a IA "vem complementar o trabalho dos agentes, automatizando tarefas repetitivas e permitindo-lhes concentrar-se no atendimento ao cliente e nas negociações. Os agentes que aprenderem a usar estas ferramentas terão um desempenho ainda melhor, garantindo o seu papel essencial no setor".

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt



Margarida Santos ministra workshop sobre empregabilidade para migrantes.

FOTO: LISBON PROJECT.

Na busca por emprego, "maior necessidade de imigrantes" é um CV

DICAS *Feedback* de recrutadores nacionais sobre currículos de estrangeiros é de que "não são desejáveis". Especialista diz que inteligência artificial pode ajudar candidatos a se destacar.

TEXTO **CAROLINE RIBEIRO**

Quem procura ingressar no mercado de trabalho em Portugal, após a mudança para o país, pode partir de um ponto ainda mais desvantajoso caso não consiga "se dedicar realmente à busca de emprego". Quem o afirma ao DN Brasil é a especialista Margarida Santos, coordenadora do programa de empregabilidade do *Lisbon Project*, uma associação sem fins lucrativos que apoia migrantes em Lisboa. Entre as dificuldades que os estrangeiros apresentam, "a maior necessidade, sem dúvidas, é um CV", diz Margarida.

Em entrevista, a profissional ajuda a esclarecer mais detalhes sobre o perfil de recrutamento em Portugal e traz dicas que podem orientar imigrantes na busca por um novo emprego.

O que dizem os recrutadores, em geral, quando vocês encaminham pessoas atendidas pelo programa para uma seleção de emprego?

O *feedback* que eu recebo, muitas vezes, é de que os candidatos se apresentam com um currículo que não é o desejável. Por isso, na estrutura do nosso programa, temos quase como um primeiro passo dedicado aos CV.

E quais são as principais falhas cometidas pelos imigrantes na elaboração dos currículos?

Uma pessoa quando vai pesquisar na Internet vê logo um "CV Europa", aquele *Europass*, que, apesar de eu não ter nada contra o modelo, não é o que os recrutadores querem. As pessoas também querem incluir tudo, e eu percebo a ânsia, não querem ser vistas apenas como mais uma, mas é preciso entender que há "o currículo que tu queres" e "o que tu precisas". É só escreverem ali o que procuram para a vaga. O que queremos é sempre o que destaca algo da nossa especialidade, esse pode ter duas páginas. Mas se é para aquilo que precisas, é uma pagina só com aquilo que é relevante. Se tiveres dez experiencias relevantes, pega nas últimas três e faz delas ainda mais relevantes.

> Um brasileiro, um indiano, um nepalês, que têm mais cultura de família, de união, em certos empregos um team work é super importante, estes candidatos podem destacar isso. É reverter a moeda e mostrar que "a minha imigração faz de mim o melhor profissional para isto".

O mesmo currículo serve para mais de uma vaga?

É preciso adaptar o currículo à busca de emprego. Principalmente quem está à procura de qualquer emprego, só quer é trabalhar, fazem um CV e mandam para qualquer sítio. Para alguns que estão a receber é aceitável, para outros não tem nada a ver com a função para o qual estão a se candidatar. Adaptar o CV e explorar, inclusive, a Inteligência Artificial para ajudar, mas não nos basearmos nela, pois, por vezes, soa artificial. É para usar esse apoio, mas não depender desse apoio. Se a pessoa só tem uma experiência em restauração, mas foi médica em outros sítios, essa experiência não vai contribuir para nada, vai fazer a pessoa ser extra qualificada e isso já pode ser um problema.

E como dosar o nível de detalhamento das informações?

Meter *bullet points* ta a falar quais eram as responsabilidades naquelas vagas, às vezes metem só o título e data, mas descrever as responsabilidades com alguma atenção, sem dúvida, importa. Uma coisa impressionante, eu não sabia que se fazia, era meter toda a documentação, endereço, número de utente. Não se pode fazer isso, mas aparentemente é comum em alguns países. Investir numa carta de apresentação é importante. A carta conta a sua história, o CV é a vossa apresentação. A pessoa tem que estar interessada no CV para ler a sua carta de apresentação ou visitar seu perfil do *Linkedin*.

O sucesso da procura não se resume ao CV, correto?

Isso. Antes, é preciso pesquisar a empresa. Depois do envio de um CV, durante a entrevista, também saber que adaptação cultural é importante, mas peguem nas diferenças e destaquem-nas como positivas. Um brasileiro, um indiano, um nepalês, que têm mais cultura de família, de união, em certos empregos ter *team work* (espírito de equipe) é super importante, estes candidatos podem destacar isso. É reverter a moeda e mostrar que "a minha imigração faz de mim o melhor profissional para isto".

caroline.ribeiro@dn.pt

Estereótipo sexual ainda atrapalha brasileiras, aponta especialista

MERCADO DE TRABALHO Mulheres imigrantes são quem mais tem dificuldade em encontrar emprego, mesmo com mais qualificações.

TEXTO **CAROLINE RIBEIRO**



Camila Souza se dedica à recolocação de mulheres imigrantes no mercado europeu.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Camila Souza vive em Portugal há oito anos. Como muitos imigrantes, se regularizou no país através de manifestação de interesse. Durante o tempo em que ainda não exercia sua atividade profissional, como gestora de Recursos Humanos, trabalhou como atendente em uma sorveteria, depois em um minimercado de bairro, ficou desempregada na pandemia e começou a fazer e vender pães de queijo "para me ajudar a viver", conta ao DN Brasil.

Após esse período difícil, Camila se estruturou para buscar a recolocação profissional em sua área de trabalho. Foi aí que se deparou com uma realidade que "ainda" existe. "Na minha experiência enquanto imigrante brasileira em Portugal, que tem um recorte específico, percebi que tinha o agravante desse estereótipo da mulher brasileira, que ainda é o sexual. Está atrelado à questão da visão norte-global, sul-global, de questionar e não valorizar a qualificação dessas mulheres. Fora todo o machismo", afirma a profissional.

A dificuldade de mulheres - em geral - de conseguir entrar ou se recolocar no mercado de trabalho, "quando saem por algum motivo", explica Camila, é, hoje, consenso internacional. "São as mulheres que têm os contratos mais precarizados, que são as primeiras a serem demitidas. Na pandemia, a maior quantidade de postos de trabalho extintos foram os mais ocupados por mulheres. Também são as mulheres que têm mais dificuldade para retornar ao mercado depois que saem, seja pela maternidade ou seja pelo desemprego, ou por uma mudança de país", afirma a profissional.

Atualmente, Camila Souza trabalha exclusivamente com recolocação profissional de mulheres imigrantes no mercado em Portugal e outros países europeus. Uma decisão tomada "por ser feminista", mas também por ter sentido na pele as dificuldades. A profissional ressalta que tudo acontece "apesar de, majoritariamente, serem as mulheres as que estudam mais, se qualificarem mais".

Associações confirmam

Ao DN Brasil, a associação Diásporas, que tem sede em Cascais e presta apoio a imigrantes em diversos setores, confirma o cenário. "A partir dos atendimentos que fazemos, identificamos esse perfil. As mulheres são as que mais têm dificuldade em se inserir no mercado português, mesmo sendo mulheres com faculdade, algumas com mestrado, com doutorado", diz Elisangela Rocha, presidente da direção da entidade.

O público atendido pela associação é formado, maioritariamente, por brasileiros e cidadãos dos países africanos que também falam a língua portuguesa (PALOP). Segundo Elisangela, seja do Brasil ou de algum PALOP, são as mulheres que engrossam a fila do desemprego em Portugal. "Na semana passada atendi uma brasileira que era educadora no Brasil, especialista em educação especial, e que não tem conseguido nem trabalho de limpeza aqui", conta a diretora.

Nestes casos, um dos agravantes é a burocracia. "Tem toda a dificuldade de reconhecimento das habilitações. É um processo caro, demorado, burocrático e não é garantido. São muitas que entram com processos e no final não conseguem as validações dos diplomas, em várias áreas. É com mulheres imigrantes no geral, mas, como as brasileiras vêm com uma escolaridade muito maior, acaba acontecendo mais com elas", afirma Elisangela Rocha.

Uma das atividades da Diásporas tem sido realizar *workshops* e outros projetos focados em apoiar especificamente as mulheres migrantes na busca de emprego. "Aprender a fazer o currículo, onde procurar vagas, quais as diferenças entre Brasil e Portugal", são temas abordados, diz a diretora. A associação aguarda, neste momento, resposta de financiamento para a realização de jornadas de reinserção laboral para mulheres.

Dica

Camila Souza diz que, em um primeiro momento, é bom avaliar a utilidade de agências de recrutamento. "Em todas com as quais trabalhei teve barreiras quanto à contratação de imigrantes". O motivo, explica, é a padronização do modo de trabalho. "Pode ser um excelente currículo, mas se o cliente, como eu já ouvi, disse 'não queremos estrangeiros' não adianta, vai ter que descartar". Por outro lado, destaca que "pode ser positivo na medida em que, se a mulher está direcionada para uma área específica, ela desperta o interesse. Do mesmo jeito que essa agência tem um contrato com uma empresa que não está aberta a imigrante, tem com outra que está", final.

caroline.ribeiro@dn.pt

MAIOR LICENÇA PARENTAL EM FOCO

BRASILEIRAS PROMETEM REFORÇAR DEBATE NO PARLAMENTO

Na próxima quarta-feira, dia 25, o Parlamento discute o aumento do tempo das licenças de maternidade e paternidade em Portugal. Existem cinco propostas previstas na agenda para o debate: uma iniciativa de cidadãos e quatro de partidos políticos. Em grupos nas redes socias, aos quais o DN Brasil teve acesso, multiplicam-se as publicações e compartilhamentos de brasileiras em apoio ao chamado para que as mulheres estejam presentes nas galerias da Assembleia da República, com "cartazes legíveis", para que "os deputados percebam o quanto o alargamento da licença parental inicial é importante para as famílias e seus bebés", diz uma das publicações originais convocando para o movimento. O tema torna-se cada vez mais relevante no contexto migratório no país, já que, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), mulheres imigrantes reforçam cada vez mais a taxa de natalidade em Portugal, ajudando, inclusive, a diminuir o saldo populacional negativo. Para a gestora Camila Souza, o peso das responsabilidades parentais é um outro fator que diminui as chances de recolocação profissional das migrantes. "No recorte de mulher imigrante, a gente está falando de filhos. Ela precisa arrumar um trabalho e fazer toda a gestão da casa. Não é qualquer horário de trabalho que dá, não é qualquer localidade que dá para conciliar com as outras obrigações dela, de cuidado", explica.

Joe Biden diz adeus ao palco internacional em discurso que definirá o seu legado

ONU É a última vez que o democrata se endereça à Assembleia-Geral das Nações Unidas como presidente dos EUA. Ucrânia deverá ser o foco, com Rússia a assistir.



TEXTO **ANA RITA GUERRA**, LOS ANGELES

Os holofotes mundiais vão estar focados em Joe Biden uma última vez esta semana, quando o presidente norte-americano intervir na Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. Será o seu último grande discurso no palco internacional, a quatro meses de abandonar a Casa Branca, numa despedida agridoce para o presidente que é três anos mais velho que a própria organização.

"Podem dizer muita coisa de Biden, mas ele tem sido um *player* na cena internacional durante décadas", disse ao DN o cientista político Everett Vieira III, professor na Universidade Estadual da Califórnia, em Fresno, lembrando que o democrata foi o *chairman* da Comissão de Relações Internacionais do Senado durante muitos anos. "Isto é o adeus porque nunca mais ocupará um cargo eleito outra vez."

No discurso que fará amanhã, Joe Biden irá focar-se na situação da Ucrânia, segundo adiantou o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan. É uma admissão implícita de que a sua Administração não espera conseguir um cessar-fogo no conflito Israel-Hamas, apesar de todos os esforços diplomáticos dos últimos meses. A situação não só não acalmou como tem piorado na última semana, com ataques cirúrgicos de Israel ao Hezbollah no Líbano.

"O tema principal nas Nações Unidas esta semana é obviamente Gaza e Israel. Mas esse é o assunto ao qual aparentemente Biden vai fugir neste discurso", apontou ao DN a cientista política Daniela Melo, professora na Universidade de Boston. "Isso reflete esta tensão que existiu nos últimos quatro anos entre as boas intenções de Biden em relação ao multilateralismo e o que a sua Administração fez na prática", considerou.

Segundo a politóloga, a Administração democrata entrou com um tom de cooperação e conciliação no período pós-Trump, com um discurso pró-liberalismo internacional que deu grande importância ao multilateralismo. Recolocou o país nos Acordos de Paris, alinhou-se com a comunidade internacional na crise climática e assumiu uma postura de cooperação com aliados.

"A grande vontade depois, como acontece muito em política internacional, esbarra com a realidade dos desenvolvimentos", afirmou Daniela Melo. O presidente norte-americano foi confrontado com dois conflitos gigantescos que dominaram a maior parte do seu mandato. Primeiro, a invasão da Ucrânia pela Rússia e depois o ataque terrorista do Hamas a Israel, que desencadeou uma violenta resposta em Gaza.

"Na questão da Ucrânia, vimos os Estados Unidos conseguirem trabalhar de forma multilateral, não só dentro das Nações Unidas mas também com a NATO, para tentar manter sobretudo os países do Sul global afastados da esfera da China e da Rússia e tentar alinhá-los mais com os interesses do Ocidente no que diz respeito a este conflito", explicou. O sucesso foi parcial, com um "alinhamento questionável" entre Índia, África do Sul e Rússia.

Agora, Biden chega à Assembleia-Geral das Nações Unidas com quatro meses restantes no mandato e nenhum dos conflitos resolvidos. "Este é o seu último urra!", descreveu Everett Vieira III. "Embora ele diga que não está nisto pelo legado e quer terminar a tarefa, não sei que tarefas vai conseguir completar." O cenário, seja qual for o ângulo, é sombrio.

Quem vai estar em Nova Iorque

Os 193 países que compõem a Organização das Nações Unidas, presidida pelo português António Guterres, vão fazer-se representar em Nova Iorque numa altura de tensões e conflitos agudos, não só na Ucrânia e em Gaza mas também noutras regiões, como o Sudão. "Tenho uma mensagem que supera as outras: um apelo aos Estados-membros por um espírito de compromisso", urgiu Guterres na antecâmara da Assembleia-Geral.

Mas compromisso é algo que tem fugido à organização, fundada em São Francisco em 1945, no rescaldo da guerra mais destrutiva que o mundo já conheceu. Os cinco membros com poder de veto no Conselho de Segurança – Estados Unidos, Rússia, China, França e Reino Unido – bloqueiam-se uns aos outros frequentemente e as resoluções chocam com impasses que ninguém consegue resolver.

> Biden foi confrontado com dois conflitos gigantescos que dominaram a maior parte do seu mandato. Primeiro, a invasão da Ucrânia pela Rússia e depois o ataque terrorista do Hamas a Israel.

Biden sabe que isso não mudará esta semana, mas antes de assistir ao cair do pano fará uma última tentativa de deixar a Ucrânia na melhor posição possível, segundo disse Jake Sullivan. O chefe de Estado norte-americano vai reunir-se com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, para discutir ajudas adicionais ao país e a possibilidade de negociações com a Rússia. E tem ainda outras reuniões com líderes mundiais onde serão debatidas estratégias de segurança internacional, esforços de paz e estabilidade económica global.

"Ele vai-se focar sobretudo na questão da Ucrânia, em deixá-la numa posição reforçada dentro da esfera das instituições internacionais, sobretudo das Nações Unidas", salientou Daniela Melo. "A intenção de Biden é focar-se na Ucrânia mas o resto do mundo está todo focado em Israel e Gaza."

Tanto o presidente palestiniano, Mahmoud Abbas, como o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, vão endereçar-se à assembleia, enquanto Zelensky fa-


Biden fala amanhã nas Nações Unidas. Será o seu último grande discurso no palco internacional.

AFP

lará duas vezes. O presidente chinês, Xi Jinping e, o presidente russo, Vladimir Putin, far-se-ão representar pelos respetivos ministros dos Negócios Estrangeiros, Wang Yi e Sergei Lavrov.

A luta pelo legado

O primeiro discurso de Biden como presidente dos Estados Unidos na Assembleia-Geral da ONU foi centrado na covid-19 e nos enormes problemas globais causados pela pandemia, que em setembro de 2021 ainda não tinha sido dominada. Falou também da importância de lutar de forma multilateral contra as alterações climáticas.

No ano seguinte, em 2022, o discurso focou-se na invasão da Ucrânia pela Rússia. Foi nesse ano que a delegação norte-americana propôs o aumento do número de representantes permanentes e não permanentes no Conselho de Segurança. A proposta incluía assentos permanentes para países africanos, da América Latina e do Caribe.

Essa intenção não apareceu no discurso de 2023, em que Biden optou por assinalar os 50 anos da guerra do Vietname e o regresso dos Estados Unidos à UNESCO, bem como temas ligados à ascensão da inteligência artificial e clima.

Tudo isto desembocará amanhã num discurso final, onde o presidente – que até há bem pouco tempo calculava que teria mais quatro anos para terminar o que começou – vai definir o seu legado.

"Imagino que ele queira aproveitar o discurso para refletir um pouco sobre o próprio legado", salientou Daniela Melo. "Ele foi um ator principal em grandes momentos desde a Guerra Fria. Teve sempre um lugar à frente e esteve envolvido em inúmeras situações." E prevê que o presidente tente um discurso parecido com o primeiro, falando da importância de salvar esta versão da estrutura internacional: "O regime liberal liderado pelos Estados Unidos, por valores humanitários, multilateralismo e encontro de consensos", disse. "Ele fez o que pôde, claramente achava que teria mais quatro anos para lidar com isto."

Não os tem, mas considera que este é um ponto de inflexão e as decisões que forem tomadas agora vão ter ramificações durante décadas. O nível de ajuda e armamento dado à Ucrânia vai determinar o que acontece ao país, parcialmente sob ocupação russa, num conflito que está mais ou menos estagnado, "uma guerra de atrito", caracterizou Everett Vieira III.

"A Administração Biden procurou restaurar a influência dos Estados Unidos e a sua participação nas Nações Unidas. Conseguimos recuperar apoio, com 140 países a condenar a Rússia", notou o professor. "Mas o posicionamento da Administração Biden no conflito Israel-Hamas está a fazer-nos perder apoio."

Com o primeiro aniversário do ataque do Hamas a Israel à porta, a 7 de outubro, a escalada de violência e a resistência de Benjamin Netanyahu aos apelos de cessar-fogo, Biden vê o seu legado em risco. "Gaza e Israel basicamente marcaram a diferença em termos do que será o legado destes quatro anos de Biden nas Nações Unidas", frisou a professora Daniela Melo. "Essa é uma das razões pelas quais ele se quer focar sobretudo na Ucrânia, e não em Israel e Gaza." Embora os Estados Unidos tenham votado várias resoluções a pedir o cessar-fogo, só conseguiram fazer passar uma resolução tardia e com pouco efeito.

"O posicionamento dele com Israel foi uma ação bilateral, não multilateral", descreveu a analista. "O posicionamento em termos de Direito Internacional no que diz respeito a Israel acabou por enfraquecer a mensagem com que Biden iniciou o seu mandato." O que vigorou, disse, não foi o Direito Internacional nem os acordos de Genebra. "Sobretudo com Israel, ele não conseguiu defender os próprios valores que advogou há quatro anos."

Embora considere provável que Biden faça menção a Gaza no discurso, vai tentar virar a atenção dos países membros para a Ucrânia, contrariando o que está a ser discutido na Assembleia e no Conselho de Segurança.

"De certa maneira, o principal legado de Biden não se faz dentro das Nações Unidas, faz-se com a colaboração da NATO durante estes quatro anos", ressalvou a docente. "E realmente aí ele deu vários passos em frente em termos de apoio à NATO e ajudou na conciliação das variadas opiniões dentro da União Europeia no que se refere à Ucrânia."

O problema é que com Israel Biden abandonou os seus trunfos ao garantir apoio incondicional. "Os Estados Unidos são um agente importante no conflito, mas não um agente capaz de trazer um novo rumo ao mesmo, porque estão claramente alinhados com uma posição mais do que com outra", frisou Melo.

Para Everett Vieira III, este momento final – um adeus com avisos para o futuro – servirá para marcar a agenda. Biden é um *lame duck*, um presidente em fim de mandato, mas se Kamala Harris lhe suceder a visão desta Administração continuará. Se Trump vencer, podemos esperar o oposto do que a delegação norte-americana defende agora.

"As pessoas na Europa devem estar preocupadas, os membros da NATO devem estar preocupados", admitiu Vieira. "É maravilhoso que a Finlândia e a Suécia tenham embarcado, mas o que é que isso interessa se os Estados Unidos se afastarem e deixarem de contribuir?" É isso que estará em causa numa Administração Trump-Vance, que não acredita em apoiar os aliados internacionais, frisou.

As eleições de 5 de novembro determinarão o futuro, mas ainda é cedo para perceber como o Joe Biden de hoje será avaliado. "Penso que o seu legado vai depender de como os historiadores o julgarem a respeito dos dois grandes conflitos: Rússia-Ucrânia e Israel-Gaza."

Esquerda fala em governo "mais à direita" desde 1958 e acena com moção de censura

FRANÇA Primeiro grande teste ao PM Michel Barnier será a apresentação do Orçamento.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O recém-nomeado governo do primeiro-ministro francês, Michel Barnier, tem sido alvo de pressão dos mais variados quadrantes desde o seu primeiro dia, à medida que se multiplicam as ameaças de uma moção de censura na Assembleia Nacional.

A longa espera por um governo em plenas funções, depois de o presidente, Emmanuel Macron, ter convocado eleições gerais antecipadas, terminou na noite de sábado, após 11 semanas, com a nomeação de um gabinete marcando uma clara mudança para a direita.

Vários políticos da oposição de esquerda já disseram que desafiarão o governo de Barnier com uma moção de censura já no próximo mês, ao mesmo tempo que políticos de extrema-direita têm criticado a sua composição.

O líder do Partido Socialista, Olivier Faure, classificou ontem este Executivo como sendo o governo "mais à direita da V República", numa referência ao regime em vigor em França desde 1958, dizendo ainda que não lhe devia "ser confiada a gestão do país".

Também o líder da força da esquerda radical França Insubmissa (LFI), Jean-Luc Mélenchon, considerou que se trata de "um governo dos perdedores das eleições gerais", dizendo que a França deveria "livrar-se" dele "o mais depressa possível". Tanto o PSF como a LFI fazem parte da aliança de esquerda Nova Frente Popular, que conquistou o maior número de deputados nas eleições de julho. No entanto, Macron recorreu a Barnier para liderar um governo com o apoio parlamentar dos seus aliados, conservadores e grupos centristas.

Faure confirmou ainda que os socialistas apresentarão a 1 de outubro uma moção de censura, que será um "texto provavelmente comum" da NFP, mas "defendido pelos socialistas". Reconheceu que estará "provavelmente destinado ao fracasso" sem os votos da Reunião Nacional, de extrema-direita, que disse que esperará antes de tomar qualquer medida contra o governo. No entanto, o líder da RN, Jordan Bardella, também já afirmou que o novo governo "não tem futuro algum".

O primeiro grande teste de Barnier será apresentar um Orçamento para 2025 que aborde a situação financeira da França, que ele chamou esta semana de "muito grave".



DIMITAR DILKOFF / AFP

Esquerda saiu à rua no sábado para contestar o governo.

O que tem o governo de Netanyahu contra a televisão Al Jazeera?

ISRAEL Canal de televisão é financiado parcialmente pelo governo do Qatar – país que servia de base para Ismail Haniyeh, líder do Hamas morto em julho – e é acusado por Telavive de "apoiar atividades terroristas". Em maio, a Al Jazeera já tinha sido proibida de transmitir a partir de Israel.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Soldados israelitas invadiram na madrugada deste domingo a redação da Al Jazeera em Ramallah, na Cisjordânia, e emitiram uma ordem de encerramento por 45 dias, naquele que é o mais recente episódio de tensão entre a televisão do Qatar e o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, e que se agravou desde o início da guerra em Gaza. "Os escritórios do canal foram selados e o seu equipamento foi confiscado", afirmou um comunicado militar de Israel. A Al Jazeera, que transmitiu tudo em direto, classificou a ação israelita como "um ato criminoso" e um ataque à liberdade de imprensa.

Desde 7 de outubro, a Al Jazeera tem transmitido continuamente reportagens no terreno sobre os efeitos da campanha militar de Israel. Paralelamente, o exército israelita tem acusado repetidamente jornalistas da televisão do Qatar de ligações ao Hamas ou ao aliado Jihad Islâmica. A estação nega tudo e acusa Israel de visar sistematicamente os seus funcionários na Faixa de Gaza – quatro dos seus jornalistas foram mortos desde o início da guerra em Gaza e as suas instalações no enclave foram bombardeadas.

O Qatar, que financia parcialmente a Al Jazeera, também serviu de base para o líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, morto em julho durante um ataque em Teerão (atribuído por Irão e Hamas a Israel). Ao mesmo tempo é um dos países – a par dos Estados Unidos e do Egito – que têm servido de mediadores entre Israel e o Hamas para a obtenção de um cessar-fogo.

Ontem, o exército justificou a sua ação dizendo que o escritório de Ramallah foi fechado porque foi "usado para incitar ao terror" e "apoiar atividades terroristas" e porque as transmissões da Al Jazeera colocavam em perigo a segurança de Israel.



AL JAZEERA / AFP

Os soldados foram recebidos em direto pelo chefe da Al Jazeera em Jerusalém e Ramallah, Walid Al-Omari.

O canal disse em comunicado que "condena e denuncia veementemente este ato criminoso", rejeitando o que chamou de "alegações infundadas apresentadas pelas autoridades israelitas para justificar esses ataques ilegais". Ainda segundo a Al Jazeera "a ordem veio da autoridade militar israelita, apesar de o escritório estar na Área A, uma área delineada como estando sob controlo palestiniano nos Acordos de Oslo", sublinhando ainda que "esta não é a primeira vez que Israel empreende ações na Área A definida pelos Acordos de Oslo, onde fica Ramallah e onde a Autoridade Palestiniana tem a sua sede".

Em abril, o Parlamento israelita aprovou uma lei que permite a proibição de emissões de meios de comunicação estrangeiros consideradas prejudiciais à segurança do Estado. Com base nesta lei, o governo de Netanyahu aprovou, a 5 de maio, a decisão de proibir a Al Jazeera de transmitir a partir de Israel e fechar os seus escritórios por um período inicial de 45 dias, que foi prorrogado pela quarta vez por um tribunal de Telavive na semana passada. A decisão é classificada pela televisão como "criminosa", afirmando que "viola o direito humano de acesso à informação".

> O exército israelita tem acusado repetidamente jornalistas da Al Jazeera de ligações ao Hamas ou ao aliado Jihad Islâmica. Acusações que são negadas pela estação de televisão sediada no Qatar.

Ainda na semana passada o Executivo de Netanyahu anunciou que ia revogar as credenciais de imprensa dos jornalistas da Al Jazeera no país, suspensão que não afetou as transmissões da Cisjordânia ou em Gaza, de onde a Al Jazeera ainda cobria a guerra.

O Comité para a Proteção dos Jornalistas, sediado nos EUA, apelou às autoridades israelitas para "pararem de assediar" a Al Jazeera. "Os esforços de Israel para censurar a Al Jazeera minam gravemente o direito do público à informação sobre uma guerra que destruiu tantas vidas na região", disse o diretor de programa do CPJ, Carlos Martínez de la Serna.

ana.meireles@dn.pt

BREVES

Starmer afasta cenário de austeridade

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, prometeu ontem proteger os serviços públicos e descartou medidas de austeridade no início do congresso anual do Partido Trabalhista, o primeiro em 15 anos com o partido no governo. A reunião de quatro dias em Liverpool ocorre quase três meses depois de os trabalhistas terem conseguido uma vitória histórica nas eleições gerais sobre os conservadores. Sob pressão em diversas frentes, o partido de Keir Starmer terá de encontrar um equilíbrio entre celebrar a tão esperada vitória do Partido Trabalhista, defender o seu registo e não desistir dos lembretes de "decisões difíceis" que estão por vir.

Candidato de esquerda vence no Sri Lanka

O candidato da coligação de esquerda, Anura Dissanayaka, ganhou ontem as presidenciais do Sri Lanka com 42,3% dos votos, após uma recontagem por nenhum dos candidatos ter atingido os 50% de votos diretos. Segundo a AFP, Dissanayaka ficou à frente do líder da oposição no Parlamento, Sajith Premadasa (32,7%), e do atual presidente, Ranil Wickremesinghe (17,2%). O presidente eleito, de 55 anos, é visto como uma alternativa aos dois candidatos tradicionais e é mais popular entre os jovens. É também o líder do Janatha Vimukthi Peramuna, formação marxista que liderou duas revoltas armadas contra o governo, nos anos 70 e 80, que causaram cerca de 60 mil mortes.



Opinião
Luís Valença Pinto

Uma reflexão sobre guerra irregular

A guerra irregular tem sido denominada de muitas maneiras: guerra de guerrilhas, guerra subversiva, guerra revolucionária, insurgência, etc.

Podem encontrar-se algumas *nuances* em cada uma destas designações. Mas a essência é sempre a mesma: um conflito de baixa intensidade de violência travado à margem do convencional. Para o grande público talvez esta aproximação seja suficiente.

O Exército Português teve a feliz e oportuna iniciativa de realizar há dias um seminário sobre guerra irregular. Foi feliz porque permitiu recuperar para o debate de ideias do presente a publicação *O Exército e a Guerra Subversiva*, que o Exército editou nos anos 60 do século passado e que constituiu um guia para a ação militar nos teatros de operações de Angola, da Guiné e de Moçambique, ajudando a definir o que tem sido referido como "a maneira portuguesa de fazer a guerra". Foi oportuna porque o tema tem hoje uma grande atualidade, o que, aliás, valoriza apreciavelmente a doutrina desenvolvida pelo Exército Português há 60 anos.

Essa doutrina nacional recebeu naturalmente influências, designadamente da doutrina francesa na guerra da Argélia e da doutrina britânica nas guerras da Malásia e do Quénia.

Mas o produto final foi muito além disso. Materializou-se numa obra em cinco volumes (os famosos cinco "livrinhos de capa azul") bem conhecidos pelos quadros do Exército que combateram nas guerras africanas nas décadas de 60 e 70 do século XX.

Foi uma obra que pretendeu ser abrangente e que conseguiu sê-lo, tratando a problemática em toda a sua latitude, dos aspetos gerais aos aspetos particulares nas diversas áreas.

Naturalmente que hoje temos que reconhecer nessa doutrina aspetos fatalmente ligados ao contexto político que o país então vivia e também, passadas seis décadas, aspetos de inevitável datação.

Mas na sua essência continua certeira: uma guerra desse tipo trava-se simultaneamente e de modo convergente nos planos militar, político, económico e social. Pelo menos em todos esses. E quem presumir conduzi-la exclusivamente no plano militar está condenado ao fracasso. Um modelo que hoje diríamos de *comprehensive approach*, correspondente à atuação convergente, coerente e coordenada de todas as dimensões da ação estratégica e potencialmente mobilizadora de todos os recursos e políticas. Se à política tem que ser reconhecida primazia, não há relações de preponderância entre nenhuma das outras, tudo dependendo das circunstâncias.

Uma outra consideração é que essa doutrina continua hoje certeira na grande maioria das orientações de atuação técnica que proporcionou.

O que não anteviu, ou pelo menos não referiu como risco, foi sobretudo o imobilismo político do regime. Em termos mais diretos, não anteviu que uma das dimensões de ação fundamentais, a política, não só estaria ausente do esforço de guerra como, com essa ausência, fragilizaria e mesmo comprometeria o conjunto das ações e dos esforços levados a cabo. Naturalmente sem deixar de se compreender a justeza e a inevitabilidade da evolução de pendor independentista que sempre se afirmaria.

As recentes campanhas do Iraque e do Afeganistão uma vez mais evidenciaram como é errado olhar para este tipo de conflitos centrando, senão resumindo, a ação ao domínio militar. Demorou até que, designadamente, os EUA compreendessem que a natureza deste tipo de conflitos obrigar a agir muito para além das armas e a agir em direção às populações locais. Mas entretanto consumiram-se vidas, recursos e expectativas, além de se terem substancialmente enfraquecido as perspetivas de eventual sucesso.

Com uma perceção mais forte do que no passado, vivemos hoje um tempo de guerras híbridas, em que ao lado do emprego militar convencional (e pondo de lado o nuclear…) se verificam intervenções de altíssima tecnologia, de constante e extenso uso do domínio ciber, ao mesmo tempo de intensas e sistemáticas campanhas de desinformação e de ações de insurgência. Este é o espetro largo das guerras híbridas do presente. Sendo certo que nenhuma guerra híbrida será igual a outra guerra híbrida.

Desta realidade emerge a necessidade de olhar com atenção para as ações irregulares e para as possíveis respostas que marcarão a insurgência.

Não se trata de nada de novo. Em termos históricos e muito para lá dos conflitos coloniais do passado recente dos impérios europeus e ficando apenas pela Península Ibérica, recordem-se a luta de Viriato e depois de Sertório contra os romanos e a resistência popular em Portugal e Espanha ditando uma muito feroz e particularmente violenta oposição às armas napoleónicas, do que, aliás, resultou o conceito de guerrilha, no sentido lato de "pequena guerra".

Seria desajustado pretender elaborar nestas páginas sobre os diversos aspetos e minúcias da guerra irregular.

> **A resistência nacional a um eventual agressor não se decreta. Forja-se no patriotismo, na cidadania e na vontade.**

Mas, pensando nas respostas a dar, talvez seja interessante frisar alguns aspetos essenciais: em primeiro lugar, que é um tipo de guerra que tem as pessoas no seu centro, do que decorre o imperativo de ter como objetivo a conquista legítima das vontades e das ideias (*hearts and minds*) das populações, o que faz salientar a relevância da vertente psicológica; em segundo lugar, que exige a abordagem extensa e abrangente que antes se referiu; em terceiro, que nelas a dimensão humana é mais determinante que o *hardware* militar; em quarto lugar, que nelas a qualidade é muito mais decisiva que a quantidade; em quinto, mas decisivo lugar, a enorme importância das lideranças em todos os patamares de ação.

Isto conduz a mais uma reflexão. Na insurgência ou, como se legislou em Portugal, quando se pretende assumir uma forma de resistência generalizada e organizada perante um qualquer agressor, saiba-se que, podendo e devendo haver planos previamente estudados e até ensaiados, podendo e devendo haver pessoas especialmente treinadas, as lideranças brotarão sempre por via natural e espontânea. Isto é, ninguém pode pretender estar pré-identificado para assumir esta ou aquela responsabilidade. As resistências francesa, grega, polaca, holandesa, etc., provaram-no de forma insofismável na oposição à Alemanha nazi durante a 2.ª Guerra Mundial. Também o provam sobejamente os admiráveis 25 anos de resistência timorense aos invasores indonésios.

Foram fórmulas muito mais de direito individual e coletivo de resistir do que de aplicação de modelos de matriz institucional.

Ou seja, a resistência nacional a um eventual agressor não se decreta. Forja-se no patriotismo, na cidadania e na vontade.

General (aposentado).

"Apesar dos avanços da fisiologia não há milagres, é preciso proteger o talento"

FUTEBOL Fisiologista Carlos Bruno explica implicações da afamada sobrecarga de jogos, que segundo um estudo atinge 0, 88% dos jogadores profissionais. Rodri falou sobre a possibilidade de haver uma greve se os calendários aumentarem.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**



Bruno Fernandes está entre os mais utilizados a nível mundial

JAVIER SORIANO / AFP

169
JOGADORES - 0,88% do total de jogadores de futebol das 40 principais ligas mundiais - jogaram mais de 4500 minutos oficiais nos últimos 12 anos.

75
PARTIDAS Na temporada 2023-24, o argentino Julián Álvarez, atualmente no Atlético de Madrid, foi convocado para 83 partidas, entre Manchester City e a seleção Argentina, e entrou em campo em 75.

24,4
JOGOS Foi quanto os jogadores realizaram em média na época 2023-24, um múmero apenas equiparado aos das duas temporadas anteriores: 2020-21 (24 jogos) e 2021-22 (24,2 jogos).

91
ENCONTROS num ano é o recorde do Palmeiras de Abel Ferreira. Em 2021, o *Verdão* disputou 72 encontros e mais 19 de 2022 (adiadas causa da pandemia de covid-19). Este ano o Manchester City pode chegar aos 76.

Segundo um relatório do Observatório do Futebol, os jogadores fizeram em média 24,4 jogos na temporada 2023-24, um recorde dos últimos 12 anos entre as 40 principais ligas mundiais. Os números dão razão aos treinadores, que se insurgem contra o preenchido calendário competitivo, e aos jogadores, como Rodri, do Manchester City, que admitem fazer greve devido à sobrecarga de jogos.

Uma ameaça que surge em ano de estreia da renovada Liga dos Campeões e do já polémico Mundial de clubes (entre 15 de junho e 13 de julho) com 32 equipas e que promete deixar a FIFA num embaraço. No entanto, o líder do organismo, Gianni Infantino, argumentou no Congresso da FIFA que só cerca de 1% a 2% dos jogadores tem sobrecarga de jogos e que os treinadores podem agora fazer cinco substituições por partida – antes da pandemia eram três por jogo –, o que quer dizer que podem usar 6 atletas por partida.

De facto, nos últimos 12 anos, segundo o estudo, apenas 0,88% do total de jogadores de futebol das 40 principais ligas jogaram mais de 4500 minutos oficiais. Ou seja cerca de 169 futebolistas. E esses sim, têm mais razões de queixa. Segundo a FIFPro, Fredrik Aursnes, do Benfica, foi o segundo jogador com mais jogos oficiais na temporada passada entre clubes e seleção (66). O norueguês só foi superado por Saud Abdulhamid, do Al Hilal (fez 67), no *top* 10 dos mais utilizados – sete são da Premier League.

Já Bruno Fernandes está no *top* 10 dos jogadores mais utilizados nas últimas cinco temporadas. O português do Manchester United tem uma impressionante média de 50 jogos/época em 12 anos de carreira, sendo que nos últimos anos tem passado dos 70. Números impressionantes aos 30 anos, que o próprio justificou com "bons genes". O fisiologista Carlos Bruno concorda, ressalvando que "os jogadores são todos diferentes e o treino é importante, mas a genética, no alto rendimento, tem um papel muito importante". Para o especialista em treino e recuperação, "não é jogador ou atleta quem quer, mas quem foi abençoado por talento e capacidade física". E, "no caso do Bruno Fernandes tem muito a ver com a genética, mas também muito com a posição de campo (médio de construção). Há posições que são mais exigentes do que outras, assim como há modelos de jogo que são mais exigentes do que outros para cada jogador".

A sobrecarga de jogos voltou à ordem do dia na semana passada, quando, no lançamento do Manchester City-Inter Milão, da 1.ª jornada da renovada *Champions* (que terá mais dois jogos para cada equipa que a versão anterior), perguntaram a Rodri se considerava a hipótese de entrar em greve em protesto. "Julgo que estamos próximos disso. Se isto continuar assim, chegará a uma altura em que não teremos outra opção", afirmou o médio espanhol, que em 2023-24 acumulou 63 partidas entre o clube e a seleção. E sendo ele jogador do City, arrisca, a par dos portugueses Bernardo Silva e Rúben Dias, fazer 76 partidas em 2024-25 entre *Premier League*, Taça de Inglaterra, Taça da Liga, Liga dos Campeões, Supertaça inglesa e Mundial de Clubes.

A FIFpro (sindicato internacional de futebolistas profissionais) coloca a fasquia máxima entre os 50 e os 60 e garante que 87 % dos futebolistas profissionais defendem uma redução. Mas avançar para a greve é outra história, apesar do Sindicato português a apoiar.

Carlos Bruno, que já lidou com a recuperação dos maiores talentos do futebol mundial, também defende um alívio no número de jogos: "A sobrecarga tem um impacto grande a nível físico nos jogadores e também na sua recuperação. Apesar de serem hoje mais preparados do que há 15 ou 20 anos, não há milagres, não deixam de ser seres humanos. Apesar de treinarem bem e aplicarem o chamado treino invisível – alimentação, sono, fisioterapia – os jogos têm uma implicação grande no desgaste físico. No treino nós conseguimos dosear as cargas físicas e adaptá-las a cada jogador ou à equipa, no jogo não podem dosear o esforço, é ir até limite, dar 100% e, ao dar rendimento máximo, fica com muita fadiga acumulada, que vai levar o seu tempo a recuperar."

E com jogos de 72 em 72 horas (tempo mínimo entre partidas) torna-se muito difícil recuperar, apesar dos avanços na área da fisiologia, porque "o corpo humano tem limites e cada um tem os seus tempos". Por isso, segundo o fisiologista, o descanso e a qualidade do sono são fatores que ajudam a minimizar o desgaste, para além da massagem, pressoterapia ou a introdução de aminoácidos e antioxidantes na alimentação. "Mas se não se respeitar o tempo de cada corpo vai sendo cada vez mais difícil um jogador estar em forma a cada ciclo de três dias e pode levar ao aumento do risco de lesão e à quebra o rendimento físico do atleta, que irá passar por mais fases de abaixamento de forma", alerta o fisiologista que já trabalhou com Cristiano Ronaldo e fez parte da equipa técnica de Jorge Jesus até ao verão.

Para Carlos Bruno, "se o futebol quer preservar os melhores jogadores e tê-los em forma para dar espetáculo não pode aumentar o número de jogos", sob pena de colocar estrelas fora do relvado como Neymar, que foi contratado pelo Al Hilal para dar visibilidade ao clube e à liga saudina e fez dois jogos num ano: "Não se pode olhar aos salários. Se fosse pelo que ganham os atletas de topo, claro que teriam de jogar de manhã e à noite."

isaura.almeida@dn.pt


GERARDO SANTOS

Bruno Lage preocupado em conquistar os adeptos... jogando bonito e ganhando.

Benfica no Bessa sem mudar o *chip* dos 3 pontos

I LIGA Missão de "blindar" o balneário ao ruído externo continua a ser prioridade para Bruno Lage, que procura a terceira vitória seguida.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

"O nosso *chip* é só um: ir ao jogo, jogar com qualidade e conquistar os três pontos. Essa tem de ser a nossa forma de estar, porque não há tempo para estar cá a mudar *chips* da Liga dos Campeões para o campeonato." Foi assim que Bruno Lage abordou a visita de hoje (20.15, Sport TV) do Benfica ao Bessa, para jogar com o Boavista, a contar para a 6.ª jornada da I Liga.

Essa é, de resto, a única forma de "conquistar os adeptos", segundo o treinador encarnado, que soma dois triunfos consecutivos desde que rendeu o alemão Roger Schmidt e só pensa em "criar uma dinâmica de vitórias" e "fazer a equipa crescer fisicamente, técnica e taticamente".

Indiferente ao facto de jogar no Estádio do Bessa entre duas assembleias gerais, Lage desvalorizou as incidências da reunião magna do clube, no sábado, que terminou com a demissão do presidente da Mesa da Assembleia Geral, Fernando Seara. O técnico preferiu ver o lado positivo da AG, dizendo que foi "um momento à Benfica", onde se discutiu "o que as pessoas têm de discutir fora de campo".

Aquilo que lhe interessa a ele, enquanto técnico, é dentro das qautro linhas: "Eu e os jogadores estamos focados no que acontece dentro de campo e a minha missão é treinar e blindar a equipa do que acontece lá fora". Quando questionado sobre o rendimento do avançado Pavlidis, autor de um golo em seis encontros oficiais, o treinador colocou o foco no "rendimento da equipa" e mostrou-se indiferente sobre "quem marca os golos", desde que o Benfica consiga "ganhar e conquistar pontos".

A equipa procura a terceira vitória consecutiva sob o comando de Bruno Lage, que substituiu Roger Schmidt no final de agosto, após os triunfos sobre o Santa Clara (4-1), no campeonato, e o Estrela Vermelha (2-1), na Liga dos Campeões. Alexander Bah é dúvida, enquanto Renato Sanches e Tiago Gouveia se mantêm indisponíveis.

> Clube vive tempos conturbados. Última reunião magna terminou com a demissão de Fernando Seara, mas Lage só pensa no que pode mudar dentro das quatro linhas.

Os problemas do Boavista

O Boavista espera um Benfica empolgado pela sequência 100% vitoriosa desde o regresso de Bruno Lage, segundo o treinador Cristiano Bacci: "O que mudou? A confiança. O futebol é assim. Sem dúvida, vamos defrontar uma equipa confiante."

O técnico italiano ironizou sobre as dificuldades da equipa do Bessa. "Ainda tenho dúvidas sobre qual será o nono jovem proveniente das camadas jovens a estrear-se pela equipa principal do Boavista. Alinhámos com oito nos últimos jogos, mas, se calhar, na segunda-feira [hoje] vamos atuar com nove", disse Bacci, que na jornada passada, na Reboleira, promoveu a estreia do guarda-redes Tomé Sousa (17 anos) , devido às lesões simultâneas de João Gonçalves e Luís Pires.

isaura.almeida@dn.pt

Pimenta & Ramalho fizeram história com 3.º ouro mundial

CANOAGEM Dupla portuguesa venceu classe maratona... por 1 segundo. Portugal com seis medalhas.

Os canoístas portugueses Fernando Pimenta e José Ramalho conseguiram o terceiro título mundial consecutivo em K2 maratonas, um feito inédito no desporto nacional. "Sem dúvida, escrevemos mais uma bonita página na história da canoagem mundial e do desporto nacional. Até hoje não houve nenhuma equipa ou atleta a ser campeão do mundo em três anos consecutivos e nós fizemo-lo. É fantástico, e logo depois de o José ter sido prata [em K1] no sábado", elogiou Fernando Pimenta, em declarações à Lusa.

Fernando Pimenta e José Ramalho, campeões em 2022, em Ponte de Lima, e 2023, na Dinamarca, conquistaram ontem a terceira medalha de ouro consecutiva, em Metkovic, na Croácia, ao concluírem os 29,8 quilómetros do percurso em 01:53.56,58 horas, com pouco mais de um segundo de vantagem sobre os franceses Quentin Urban e Jeremy Candy, enquanto os húngaros Adrian Boros e Tamas Erdelyi foram terceiros.

"Não há segredos. É a experiência do José e alguma minha", brincou Pimenta, que aos 35 anos continua a amealhar ouros mundiais. Já José Ramalho destacou o "trabalho e espírito de grupo" como fatores chaves para o sucesso da canoagem nacional. "Realmente, somos uma equipa, apoiamo-nos uns nos outros. O espírito que se vive juntos é extraordinário e isso faz com que a seleção tenha este nível resultados", defendeu o canoísta de 42 anos.

O ouro de Pimenta e Ramalho fechou a participação de Portugal, que levou nove atletas e terminou os Mundiais com seis medalhas, depois do ouro dos juniores Maria Luísa Gomes, em K1, e João Sousa e Francisco Batista, em K2, da prata de José Ramalho em K1 e do bronze de Rui Lacerda, em C1, repetido pelo canoísta em C2, em conjunto com Ricardo Coelho.

DN/LUSA



PF

Ginastas portugueses campeões

Gonçalo Parreira e Miguel Lopes subiram ao lugar mais alto do pódio dos mundiais de Ginástica Acrobática e fizeram história. O par português conquistou a medalha de ouro no exercício Dinâmico, depois de no sábado terem conquistado duas medalhas de prata, uma no Equilíbrio e outra no Combinado.

avisos, tribunais e conservatórias

ANÚNCIO

Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa

Juízo Central Cível de Lisboa – Juiz 4

Processo: 1755/24.2T8LSB
Ação Popular
N/Referência: 437616104
Data: 02-09-2024
Autor: Citizens' Voice – Consumer Advocacy Association
Réu: Pingo Doce – Distribuição Alimentar, S.A.

Faz-se saber que por este Tribunal e Juízo correm termos os autos de **Ação Popular** com o n.º **1755/24.2T8LSB**, em que é autora **Citizen's Voice – Consumer Advocacy Association** e é ré **Pingo Doce – Distribuição Alimentar, S.A.**, e que por via deste anúncio e nos termos e para os efeitos do n.º 1 do artigo 15.º da Lei n.º 83/95 são citados os **titulares do interesse** em causa, **OS CLIENTES DO PINGO DOCE** que sejam consumidores finais, residentes em Portugal e tenham pago à ré PINGO DOCE €2,19 por cada unidade de Mousse Proteica de chocolate, 150 g, da marca "YOPRO", adquirida(s) em 17/01/2024, quando o preço publicitado pela ré para cada unidade de Mousse Proteica de chocolate, 150 g, da marca "YOPRO" era de €1,99 por unidade. A causa assenta na imputação à ré de publicidade enganosa e concorrência desleal, ao cobrar aos consumidores um valor superior ao preço publicitado por cada unidade de Mousse Proteica de chocolate, 150 g, da marca "YOPRO", e para no prazo de **30 dias** após a publicação do anúncio passarem a intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar e ainda para, dentro do mesmo prazo, declararem nos autos se aceitam ou não ser representados pelos Autores ou se, pelo contrário, se excluem dessa representação, nomeadamente para o efeito de não lhe serem aplicáveis as decisões proferidas, sob pena de a sua passividade valer como aceitação, sem prejuízo de recusa pelo representado até ao termo da produção de prova ou fase equivalente, por declaração expressa nos autos e que em substância o pedido consiste em: – que o tribunal declare que a ré teve um comportamento que consubstancia nas práticas comerciais desleais e restritivas da concorrência e publicidade enganosa, agindo com culpa e consciência da ilicitude no que respeita a tais comportamentos, tendo com a totalidade ou parte de tais comportamentos lesado gravemente os interesses dos autores populares. Pedindo, em consequência desse reconhecimento, que os autores populares sejam indemnizados integralmente pelos danos causados por essas práticas, no que respeita ao sobrepreço, aos danos morais e aos danos pela distorção da equidade das condições de concorrência, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial.

O prazo é contínuo, suspendendo-se, no entanto, nas férias judiciais. Terminando o prazo em dia que os tribunais estiverem encerrados, transfere-se o seu termo para o primeiro dia útil.

Fica advertido de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

Lisboa, 02-09-2024

O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)

ANÚNCIO

Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa

Juízo Central Cível de Lisboa – Juiz 2

Processo: 5392/23.0T8VNG
Ação Popular
N/Referência: 437382570
Data: 19-07-2024
Autor: Citizens' Voice - Consumer Advocacy Association
Réu: Pingo Doce – Distribuição Alimentar, S.A.

Faz-se saber que nos autos acima identificados são citados **os titulares dos interesses** para, no prazo de 60 (sessenta) dias após a publicação do anúncio, passarem a intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar e ainda para, dentro do mesmo prazo, declararem nos autos se aceitam ou não ser representados pelos Autores ou se, pelo contrário se excluem dessa representação, nomeadamente para o efeito de não lhe serem aplicáveis as decisões proferidas, sob pena de a sua passividade valer como aceitação, sem prejuízo de recusa pelo representado até ao termo da produção de prova ou fase equivalente, por declaração expressa nos autos, tudo nos termos do n.º 1 do art.º 15.º da Lei n.º 83/95.

Consigna-se que o pedido consiste em ser que a **CITIZENS' VOICE - CONSUMER ADVOCACY ASSOCIATION intentou a ação popular, processo 5392/23.0T8VNG, a correr termos no Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, Juízo Central Cível de Lisboa – Juiz 2, contra PINGO DOCE – DISTRIBUIÇÃO ALIMENTAR, S.A., e em que são autores populares todos os consumidores que tenham comprado embalagens de sumo tutti-frutti, marca Innocent, 900 ml, smoothie de manga e maracujá, marca Innocent, 250 ml, e quivi, 1 kg entre 13.06.2023, às 08h00, e 23.06.2023, às 16h38, na loja do Pingo Doce localizada em Avenida Poeta Eugénio de Andrade, 4400-708, Canidelo, Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, e todos os consumidores, em geral, que representem um agregado doméstico privado (seja família ou agregado unipessoal). A causa assenta na imputação à sociedade PINGO DOCE – DISTRIBUIÇÃO ALIMENTAR, S.A., da venda ao público, na loja suprarreferida, de embalagens de sumo tutti-frutti, marca Innocent, 900 ml, smoothie de manga e maracujá, marca Innocent, 250 ml, e quivi, 1 kg por um preço superior ao preço que constava dos letreiros por si elaborados, entre 13.06.2023, às 08h00, e 23.06.2023, às 16h38. O pedido na ação é para que o tribunal declare que o PINGO DOCE, S.A., teve um comportamento que consubstancia nas práticas de especulação de preços, publicidade enganosa e práticas comerciais desleais e restritivas da concorrência, agindo com culpa e consciência da ilicitude no que respeita a tais comportamentos, tendo com a totalidade ou parte de tais comportamentos lesado gravemente os interesses dos autores populares.**

Pedindo, em consequência desse reconhecimento, que os autores populares sejam indemnizados integralmente pelos danos causados por essas práticas, no que respeita ao sobrepreço, aos danos morais e aos danos pela distorção da equidade das condições de concorrência.

Os titulares dos interesses em causa nesta ação podem intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar, com necessidade de para isso construírem advogado(a) ou para declararem nos autos que não aceitam ser representados pela autora interveniente e se excluírem dessa representação, nomeadamente para o efeito de lhes não serem aplicáveis as decisões proferidas, sob pena de a sua passividade valer como aceitação e por referência ao artigo 15 (1), da lei 83/95, tudo no prazo de 60 dias.

Tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial.

Fica advertido de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)

Ação Popular

Proceda à citação por meio de anúncio público na comunicação social (por estarem em causa interesses gerais e não geograficamente limitados), cf. art.º 15.º da Lei 83/95.

Lisboa, d.s.

ANÚNCIO

Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa

Juízo Central Cível de Lisboa – Juiz 20

Processo: 14011/23.4T8LSB
Ação Popular **N/Referência: 430800896**
Data: 28-11-2023
Autora: Citizens' Voice - Consumer Advocacy Association
Ré: Trivago N.V

Faz-se saber que nos autos de ***Ação Popular com o n.º 14011/23.4T8LSB*** acima identificados, em que é Autora ***Citizens' Voice – Consumer Advocacy Association***, com sede em *Praceta Entre Muros, 42, r/c Dt.º, freguesia de Canidelo 4400-000 Vila Nova de Gaia* e Ré ***Trivago N.V.***, com sede em *Kesselstraße 5 – 7, 40221 Düsseldorf, Alemanha*, são citados **como titulares dos interesses**, nesta ação todos os consumidores, residentes em território português, que utilizaram a plataforma eletrónica da Trivago (trivago/pt) para adquirir algum produto ou serviço desde 31 de maio de 2018, para **no prazo de 40 dias e dilação de 20 dias, após a publicação do anúncio, passarem a intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar e ainda para dentro do mesmo prazo, declararem nos autos se aceitam ou não ser representados pela Autora ou se, pelo contrário se excluem dessa representação, nomeadamente para o efeito de não lhe serem aplicáveis as decisões proferidas**.

A Ausência de declaração valerá como aceitação, sem prejuízo de recusa pelo representado até ao termo da produção de prova, por declaração expressa no processo, tudo nos termos do n.º 1 do art.º 15.º da Lei n.º 83/95.

A autora, além de outros, deduziu em nome de cada um dos indicados consumidores o seguinte pedido:

– *Que a TRIVAGO passe a disponibilizar aos consumidores residentes em território português um livro de reclamações eletrónico, para que estes possam, então, querendo, apresentar as suas reclamações por essa via legalmente determinada.*

***

Qualquer consumidor que pretenda intervir a título principal fica advertido de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

A Juíza de Direito
Dr.ª Mariana Santos Capote
A Oficial de Justiça
Maria de Fátima Simões

Notas: Solicita-se que na resposta seja indicada a referência deste documento.
- As férias judiciais decorrem de 22 de dezembro a 3 de janeiro; de domingo de Ramos à segunda-feira de Páscoa e de 16 de julho a 31 de agosto.
- Nos termos do art.º 40.º do CPC é obrigatória a constituição de advogado nas causas da competência de tribunais com alçada, em que seja admissível recurso ordinário; nas causas em que seja admissível recurso, independentemente do valor; nos recursos e nas causas propostas nos tribunais superiores.

ANÚNCIO

Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa

Juízo Central Cível de Lisboa – Juiz 20

Processo: 10525/23.4T8LSB
Ação Popular **N/Referência: 435479848**
Data: 14-05-2024
Autor: Citizens' Voice – Consumer Advocacy Association
Réu: Vodafone Portugal Comunicações Pessoais, S.A.

Faz-se saber que nos autos de ***Ação Popular com o n.º 10525/23.4T8LSB***, acima identificados, em que é Autora ***Citizens' Voice – Consumer Advocacy Association***, com sede na Praceta Entre Muros, 42, r/c Dt.º Vila Nova de Gaia, 4400-000 Vila Nova de Gaia, e Ré ***Vodafone Portugal Comunicações Pessoais, S.A.***, com sede em Avenida D. João II, 36, Parque das Nações, 1990-083 Lisboa, são citados ***como titulares dos interesses***, *nesta ação todos os cidadãos da União Europeia, residentes em Portugal, consumidores, e que nessa qualidade sejam ou tenham sido clientes da Vodafone Portugal – Comunicações Pessoais, S.A., tendo contratado os serviços de "Net Voz Fixa" ou apenas "Net Voz", ou equiparados*, para, **no prazo de *30 dias* após a publicação do anúncio, passarem a intervir no processo a título principal, querendo, aceitando-o na fase em que se encontrar e ainda para dentro do mesmo prazo, declararem nos autos se aceitam ou não ser representados pelos Autores ou se, pelo contrário se excluem dessa representação, nomeadamente para o efeito de não lhe serem aplicáveis as decisões proferidas**.

A ausência de declaração valerá como aceitação, sem prejuízo de recusa pelo representado até ao termo da produção de prova ou fase equivalente, por declaração expressa no processo, tudo nos termos do n.º 1 do art.º 15.º da Lei n.º 83/95.

A Autora, *além de outros*, deduziu em nome de cada um dos indicados consumidores o seguinte pedido:

- Deve a Ré ser condenada a abster-se de continuar a exigir aos consumidores que adquiram uma assinatura do serviço de telefone fixo para obterem o fornecimento de um serviço de Internet de banda larga, recusando-se a fornecer o serviço de Internet de banda larga sem o serviço de telefone fixo, quando os consumidores apenas pretendem adquirir o serviço de Internet de banda larga, devendo, nesse caso, fornecer o serviço a um preço inferior ao do pacote que compunha os dois aludidos serviços Qualquer consumidor que pretenda intervir a título principal fica advertido de que é obrigatória a constituição de mandatário judicial.

A Juíza de Direito
Dra. Mariana Santos Capote
A Oficial de Justiça
Maria de Fátima Simões

Notas: Solicita-se que na resposta seja indicada a referência deste documento.
- As férias judiciais decorrem de 22 de dezembro a 3 de janeiro; de domingo de Ramos à segunda-feira de Páscoa e de 16 de julho a 31 de agosto.
- Nos termos do art.º 40.º do CPC é obrigatória a constituição de advogado nas causas da competência de tribunais com alçada, em que seja admissível recurso ordinário; nas causas em que seja admissível recurso, independentemente do valor; nos recursos e nas causas propostas nos tribunais superiores.

PUBLICIDADE

NOVA NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

Referência NOVASBE.CT.96 – 1 Assistente Técnico para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

Referência NOVASBE.CT.97 – 1 Técnico Superior para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

REPÚBLICA PORTUGUESA SAÚDE | SNS SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE | UNIDADE LOCAL DE SAÚDE COIMBRA

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE COIMBRA, E.P.E.

AVISO

Procedimento concursal para Reserva de Recrutamento e Seleção de Técnico Superior para o Departamento de Gestão de Recursos Humanos

(extrato)

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de 10 dias úteis, a contar da data de publicação do presente extrato, o procedimento concursal para constituição de reserva de recrutamento e seleção de Técnico Superior para o Departamento de Gestão de Recursos Humanos, com vista à celebração de contrato individual de trabalho a termo resolutivo ou sem termo, consoante as necessidades sejam respetivamente transitórias ou permanentes.

Os requisitos gerais e o perfil de competências exigido, a composição do júri, os métodos e critérios de seleção e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas e para o desenvolvimento do procedimento concursal em apreço constam da publicitação integral do aviso de abertura, inserto na página eletrónica da Unidade Local de Saúde de Coimbra, E.P.E., *in*: **https://recrutamento.ulscoimbra.min-saude.pt/**.

Coimbra, 20 de setembro de 2024

O Diretor do Departamento de Gestão de Recursos Humanos
Carlos Gante

Marisol Hernández (La Marisoul)
"O bolero é algo muito, muito parte do que é a alma mexicana"

MÚSICA Para celebrar em Lisboa o Dia Nacional e também os 160 anos de relações diplomáticas mexicano-portuguesas, a Embaixada do México idealizou um concerto que juntou Carminho com Marisol Hernández (La Marisoul), do grupo La Santa Cecilia, vencedor de um Grammy de Melhor Álbum de Rock Latino. O público no Tivoli rendeu-se ao encontro do fado com os boleros.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Qual a importância dos boleros na cultura mexicana?
Bom, eu acredito que os boleros são uma parte muito importante da cultura mexicana, da identidade mexicana, porque é dessa parte sentimental que vêm os versos, a melodia e a poesia e também a forma de demonstrar o amor. No México é muito comum fazer serenatas, ou era costume fazer serenatas. Então alguém ia procurar um trio que cantava boleros – que geralmente era um grupo com um requinto, um violão e maracas ou então com três violões – e levava-o para a sua festa ou para fazer uma serenata para a amada. O bolero é algo muito, muito parte do que é a alma mexicana, também porque houve grandes compositores desta música, como Consuelo Velázquez, que escreveu esse grande bolero chamado *Amar y Vivir*, que escreveu *Bésame Mucho*, e que é uma mulher de Ciudad Guzmán, em Jalisco. Sei que o bolero pertence a vários países, mas o México também o abraçou muito, e acho que o interpretou muito bem.
E pode-se dizer que o bolero é uma música compartilhada por todo o México? É popular de norte a sul do país?
Sim, o bolero é popular em todo o México, mas também nos Estados Unidos. Tenho as minhas raízes no México, mas cresci em Los Angeles, Califórnia, e conheci Pepe Carlos, que interpreta no La Santa Cecília o requinto romântico, num mercado de Los Angeles chamado La Calle Olvera. Havia muitos músicos naquele lugar, vários trios que continuavam a tocar bolero, e para nós esta música foi a nossa escola como músicos. A primeira coisa que cantei profissionalmente foi um bolero.



La Marisoul no Teatro Tivoli BBVA, em Lisboa.

Quando fala dos boleros em Los Angeles, significa que para a comunidade mexicana esta música não conhece fronteiras?
O que há de bonito no bolero é que ele atravessa fronteiras, pertence a muitos, muitos lugares, não apenas ao México, mas também a Porto Rico, Cuba, América Central, América do Sul. Para muitos mexicanos e latino-americanos que vivem nos Estados Unidos o bolero também lhes pertence e é muito importante.
Existem outros géneros musicais que identificam o México ou o bolero é o mais forte?
A música mariachi, a música *ranchera*, também é muito mexicana, e foi algo que tocámos também no Tivoli. Tocámos uma música do maestro José Alfredo Jiménez, um dos grandes cantores e compositores do México, que escreveu ótimas canções *rancheras*. No concerto no Tivoli cantámos *Un Mundo Raro*, que é uma *ranchera* que José Alfredo Jiménez escreveu mas que nós tocamos no estilo bolero. E gostei muito quando Carminho foi linda a cantar *Un Mundo Raro* no estilo bolero.

> *"No concerto no Tivoli cantámos* Un Mundo Raro, *que é uma* ranchera *que José Alfredo Jiménez escreveu mas nós tocamos no estilo bolero. E gostei muito quando Carminho foi linda a cantar* Un Mundo Raro *no estilo bolero."*

A música é uma vertente muito importante da cultura mexicana. Quando olhamos para o país, vemos uma mistura de povos indígenas e colonização espanhola, mas também de outras migrações. É uma cultura nacional que resulta de uma síntese?
Sim, claro. É uma síntese que se cria através de uma história difícil, traumática, que ainda está a ser identificada, porque tem muito sofrimento, tem muita história que não é aceite, que não é contada, mas através da música, da cultura, estamos a tentar curar as feridas e unir todas as coisas que somos e que nos representam. É a tentativa que fazemos dentro de La Santa Cecilia [grupo que integra também Pepe Carlos, Alex Bendaña e Miguel Ramirez], essa unificação de culturas, não só mexicana, mas pan-americana, e também global, para partilhar com o povo
Quando falamos de fado, que é a canção nacional portuguesa, há um nome muito forte, Amália Rodrigues. Há um nome na música mexicana que também se destaca de todos os outros quando se pensa numa voz que representa o México?
Juan Gabriel, com a sua voz e as suas canções, foi um cantor e compositor que nos deu muita música, muita música mexicana, e que com a sua voz também representa muito para nós essa forma de compartilhar o sentimento, o dor, a alegria. Acho que Juan Gabriel, para mim, é a voz do México.
E há uma voz feminina emblemática também?
Quanto às mulheres, há Lola Beltrán, Lucha Villa, Lucha Reyes. E uma mais nova, uma cantora que admiro muito pela sua forma de escrever música, pela sua maneira de revolucionar a música tradicional com as suas letras e pelo que ela diz nas letras, que é Vivir Quintana. É uma jovem de Coahuila que compõe canções que falam sobre coisas pesadas e difíceis que acontecem às mulheres no México e em muitas partes do mundo. Para mim, ela é uma das grandes vozes e grandes artistas do México.
Gosta de fado?
Sim, adorei este espetáculo em Lisboa com a Carminho. Não sabia muito sobre fado, não o conhecia bem, mas sinto que foi algo muito especial este encontro com Carminho e os seus grandes músicos, porque foi como ouvi-lo e apreciá-lo, e também de alguma forma como reconhecê-lo e ver que ali há algo entre o bolero e o fado. Há alguma coisa na forma de cantar da Carminho que sinto que também tenho na minha forma de cantar, esse sentimento, essa forma de viver as canções. Foi muito especial este contacto com o fado. Acho mesmo que nunca tinha acontecido comigo sentir isso, reconhecer-me, dizer que tem alguma coisa nisso que está em mim, não sei.

Para folhear *Grand Tour* com prazer









EDIÇÃO A acompanhar a estreia de *Grand Tour* na última semana – o filme português candidato aos Óscares, que valeu a Miguel Gomes o prémio de realização no Festival de Cannes –, surge agora uma cinefotonovela editada pelo Batalha Centro de Cinema.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Numa exposição patente no Batalha por estes dias, chamam-lhe "um formato impresso esquecido". Foi muito popular na Europa das décadas de 50 e 60, mas em Portugal não se conhecem registos da sua existência de produção nacional: falamos das cinefotonovelas, publicações que reaproveitam fotogramas e fotografias de cena com o objetivo de recontar a história de um filme, dentro de um limite, mais coisa menos coisa, de 50 páginas e 300 imagens. Isto é, imagens com balões de diálogo e legendas para a narração; apenas uma variante impressa mais económica do que a *novelization* ("romantização") que Quentin Tarantino fez do seu filme *Era Uma Vez... em Hollywood* (2019), também ele inspirado pelas publicações baratas que se escreviam a partir de rascunhos de guiões... Caso para dizer que os formatos antigos podem voltar a estar na moda.

E eis que se apresenta a versão cinefotonovela de *Grand Tour*, concebida no âmbito da referida exposição (que pode ser vista na sala portuense até 30 de novembro), aproveitando o espírito generalizado do regresso aos velhos suportes, de que o filme de Miguel Gomes será um bom testemunho, no esplendor do seu preto e branco em película de 16 mm.

De onde veio a ideia de criar então esta suposta primeira cinefotonovela de origem portuguesa? "O que nos influenciou foi mesmo o trabalho de preparação para a exposição documental que temos no Batalha, que se debruça sobre a história das cinefotonovelas a nível internacional ao longo do tempo", começa por contar ao DN Guilherme Blanc, diretor artístico do Batalha Centro de Cinema e coeditor da publicação com David Pinho Barros. "Nesse processo percebemos que não existia registo de um filme português, estreado comercialmente, que tivesse sido adaptado a esse formato; dizemos na capa que é 'provavelmente' a primeira. Como o Batalha tem como missão trabalhar projetos editoriais, pareceu-nos muito aliciante. Tivemos depois de pensar numa pessoa, antes de um filme específico, cuja obra e visão de cinema se adequasse ao exercício – há poucas em Portugal –, e pensámos desde logo no Miguel Gomes, tendo sido o *Tabu* [2012] a nossa primeira ideia, honestamente. Mas depois de conversar com o realizador, percebemos que o *Grand Tour* poderia ser ainda mais adequado a nível formal e de narrativa: achámos realmente que sim depois de o vermos", diz.

Um propósito de diversão

É fácil imaginar até que ponto a verve romanesca de *Grand Tour* – a sua história de dois noivos britânicos em viagens desencontradas pela Ásia de 1918, entre a melancolia e a aventura – se presta ao folhear tranquilo das imagens, que primeiro conhecemos em movimento no ecrã. Para Blanc, trata-se de algo mais do que um complemento à experiência do filme. É outra proposta: "Ficaríamos contentes se o público se divertisse a ler a revista, independentemente do visionamento do filme. A cinefotonovela dificilmente conseguiria captar a magia da obra de Miguel Gomes, as nuances sensoriais, a sua inteligência narrativa, ou a fotografia sensível de Rui Poças e dos colegas. Mas é um objeto que tenta até ao limite acompanhar essas componentes do filme de uma forma despretensiosa, divertida, mas com o rigor da métrica das cinefotonovelas antigas", explica.

Uma revista, portanto, com um cuidado editorial notório, aos olhos e ao toque, que celebra uma prática caída em desuso e carregada de um particular simbolismo cinéfilo. Ainda nas palavras do diretor: "[A cinefotonovela] foi um género definitivamente popular, que possivelmente permitiu a muitas pessoas ligarem-se a histórias – sobretudo a estrelas do cinema – sem ir às salas. Era um género consumido por todo o tipo de público, que tanto adaptava filmes de má qualidade como obras-primas. Nesse sentido, democratizou a linguagem do cinema, permitindo a leitura de histórias escritas para o grande ecrã a partir de olhares quase sempre sensacionalistas e atentos ao magnetismo das grandes atrizes e atores do tempo." É talvez por isso que a capa e a contracapa deste "novo" *Grand Tour* surgem preenchidas com os rostos de Crista Alfaiate e Gonçalo Waddington: as estrelas do nosso tempo.

Depois do prémio de Melhor Realizador no último Festival de Cannes e da escolha da Academia Portuguesa para ser o nosso candidato aos Óscares, esta cinefotonovela de *Grand Tour* só vem reforçar a mitologia de um filme que é já a grande viagem mediática do ano – agora disponível nas salas e num especial suporte físico, para levar para casa e virar as páginas com prazer.



***GRAND TOUR* – A cinefotonovela do filme de Miguel Gomes, David Pinho Barros e Guilherme Blanc (desenhada por Nuno Maio)**
Edição Batalha Centro de Cinema
56 páginas

LIVROS DA SEMANA

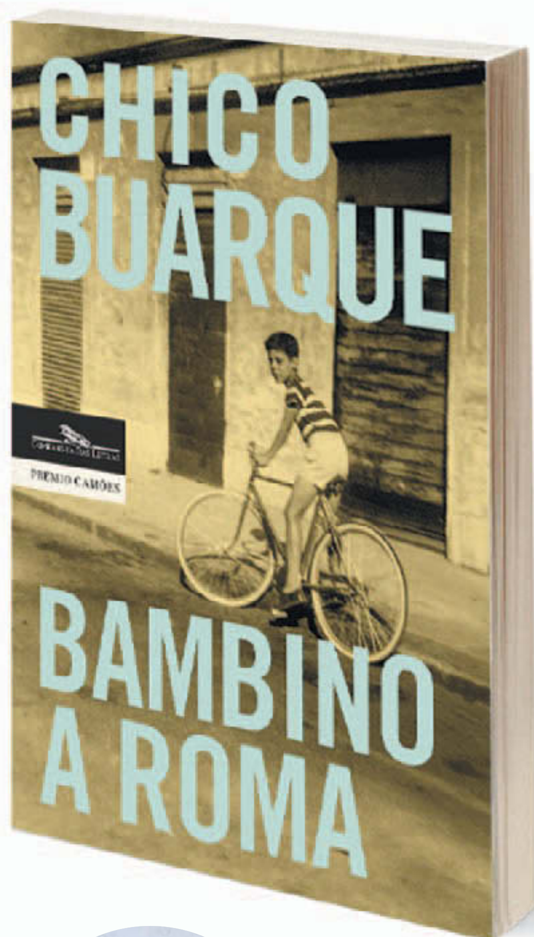
As maravilhosas memórias do bambino Chico Buarque

O cantor revolveu o passado numa autoficção que é uma ótima novela.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

De Chico Buarque (n. 1944) sabe-se muita coisa, apesar de não ser pródigo em revelar a sua vida pessoal, mas dos tempos que viveu em Itália não se conhece assim tanto. Os que seguem a carreira do cantor e compositor têm uma noção de que foi nesse país que teve à conta do pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, um primeiro exílio, a partir do ano de 1953. Dezasseis anos depois faria a mesma viagem, desta vez para um exílio político após a instalação da ditadura militar no Brasil. Se na primeira vez até compusera umas marchas, desta vez já é artista reconhecido e de sucesso, encontra-se com Toquinho e escrevem em parceria, bem como se rende ao mundo da canção italiano, com amizades que o ajudam a cimentar a arte musical. O segundo regresso italiano ao Brasil, antes da agonia do regime militar, em pouco tem a ver com o primeiro. Mais politizado, mais odiado e proibido pela ditadura, encontra num pseudónimo, Julinho da Adelaide, o subterfúgio para fugir à censura e tornar-se no Chico Buarque que hoje se conhece. É desse primeiro exílio, entre 1953 e 1954, que Chico Buarque, agora na pele de escritor, regressa. O título é *Bambino A Roma* e segue-se a vários romances que lhe têm valido vários prémios, entre os quais o Camões, o PT e o Jabuti, e que lhe abriram uma carreira paralela à da música.

Este *Bambino* precede, cronologicamente, o anterior, *O Irmão Alemão*, em que o pai também teve um papel importante, pois é o relato da descoberta de um meio irmão. Recorde-se que Chico Buarque sempre dedicou uma parte da vida à literatura, tendo publicado uma novela, desaparecida das livrarias em 1979, *Fazenda Modelo*, mas é no início da década de 90 que o seu nome se firma literariamente, com uma sucessão regular de romances: *Estorvo*, *Benjamim*, *Budapeste*, *Leite Derramado*, sempre com grandes vendas.



BAMBINO A ROMA
Chico Buarque
Companhia das Letras
172 páginas



Um regresso marcante de Chico Buarque à literatura.

O tema do seu mais recente livro nada tem a ver com os romances que tem publicado, registo que existia em *O Irmão Alemão*, que partilhava a autoficção e a ficção, mas a forma como *Bambino A Roma* é entregue ao leitor faz com que se o leia como se de um romance se tratasse. O autor começa, continua e termina com todos os ingredientes do género. Sabe-se que é a sua história enquanto jovem, revemo-nos nos ecos da sua biografia, mas o que se sente é a literatura. Chico Buarque está muito rodado no romance, e daí que seja capaz de transformar uma sua memória numa espécie de romance. Além de um título muito bem achado, de uma fotografia na capa onde se lhe reveem os traços fisionómicos do rosto, o que se lê contém uma destreza literária que faz com que este livro ultrapasse a simples recuperação da memória. Nada que os autores clássicos não tenham feito antes de si.

Entre as perguntas que se fazem nas entrevistas aos escritores aquando da edição de novos livros há sempre uma fatal: O que há neste romance de autobiográfico? Desta vez essa questão é supérflua, porque quase tudo tem a ver com Chico Buarque. Que, além do mais, sabe aproveitar as suas longínquas memórias, como uma deliciosa, que é a tentativa de ensinar português a um amigo italiano através de uma marcha de Carnaval então famosa: *Tu pensi que cachaça è acqua*. A importância da música que deixou para trás não se fica por aí, pois de seguida recorda que ia com a mãe às Termas de Caracala ouvir óperas populares, mas não conseguia que nenhuma das árias se fixassem na sua cabeça porque a marcha da cachaça ocupava todo o espaço disponível.

Também se depreende neste relato como as suas letras que tanto agradam ao sexo feminino poderão ter a génese, pois faz o relato de um reencontro com uma jovem que lhe agradava, Sandrene, e diz que ela corava, mas vai mais longe, numa interpretação que daria uma boa letra de canção: "Ela sabia que eu gostava de vê-la corar e talvez tenha aprendido a corar de propósito."

Se a música perpassa a maioria das páginas, não faltam outros acontecimentos: a morte de Estaline, o suicídio de Getúlio Vargas, os contos de Hemingway, a Livraria Hoepli e o mundo que davam a ler, o interesse pela arquitetura e pelo futebol – o primeiro ficou pelo caminho, o segundo manteve-se -, os malabarismos nas bicicletas… e nas duas últimas páginas ressurge em todo o seu fulgor o escritor. Uma folha imperdível de um lado e do outro, em que a autobiografia alcança o domínio do romance.

LANÇAMENTOS



CHIQUINHO
Baltasar Lopes
Editorial Caminho
302 páginas

UM ROMANCE FUNDADOR

Pode dizer-se que sem *Chiquinho* a literatura cabo-verdiana não seria a mesma, pois o romance de Baltasar Lopes foi, além de um dos expoentes do movimento Claridade, uma espécie de guia literário para a renovação do que até então se escrevia naquele território bastante vigiado pela ditadura portuguesa e, principalmente, um farol para novos temas dos seus escritores. Lançado em 1947, a sua marca nunca mais desapareceu, bem como tudo o que é posto em equação nesta narrativa: a cultura crioula e os cenários locais como preponderantes. Dividido em três partes, o autor desenvolve o protagonista fazendo-o crescer nas roças de São Nicolau, retrata a emigração de muitos para os EUA, sem esquecer o aprendizado do mundo – e das ilhas – através da literatura oral e da escrita; desloca-o para São Vicente para lhe dar outra perspetiva da vida e fá-lo regressar à ilha natal para desenvolver uma das descrições mais influentes do que representavam as secas e a fome para a população. Um relato impressionante, que se mantém atual e que se lê de um fôlego.



OS JACOBINOS NEGROS
C. L. R. James
Edições 70
387 páginas

A REVOLUÇÃO DOS ESCRAVOS

Entre 1794 e 1803 deu-se no Haiti uma sublevação dos escravos liderada por um deles, Toussaint L'Ouverture, que recusou a situação e iniciou uma luta contra os proprietários das fazendas, um combate que, apesar de reprimido por batalhões franceses, ingleses e espanhóis, desembocou na primeira colónia independente das Caraíbas. A particularidade desta investigação é o facto de ser dado às populações escravas o protagonismo dos acontecimentos, em vez de aos habituais senhores da História. Os relatos deste livro são fundamentais para se entender melhor o atual choque entre passados coloniais e as reparações exigidas pelos descendentes.



A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

O ESCOTISMO EM PORTUGAL

OS NOSSOS ESCOTEIROS E A CAUSA PUBLICA

DOIS GRUPOS COM UM SÓ CHEFE

PELOS PEQUENINOS

ANGOLA

MORTE DUM PRESO

LOUCURA SUBITA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 23 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PELOS PEQUENINOS

O REAL CLUBE DEPORTIVO ESPAÑOL E O SPORT LISBOA E BENFICA

Disputam hoje, num jogo de „foot-ball” a favor do novo hospital de Campolide

A TAÇA "RICARDO ZAMORA"

Não sabemos ainda qual das duas «équipes» erguerá hoje no campo de Palhavã a bandeira da vitoria. O que podemos garantir é que os dois «onzes» venceram já. Venceram em caridade, em solicitude e em ternura, porque vão lutar pelo Hospital de Crianças, de Campolide.

Um hospital de crianças!... E' a dôr em corações pequeninos que ainda não sabem balbuciar o que sofrem; é a alegria morta, são os brinquedos abandonados já, sem mãos que os animam, tregeiteando-os de graça e de riso; são as saudades da mãe pobrezinha; do colegio, da vida que se faz duma reza, dum ninho, dum canto, duma caricia, dum beijo...

Chamemos á nossa ternura a nossa infancia livre e rebelde e depois evoquemos a tristeza dessas andorinhas doentes, dessas andorinhas presas, encarceradas nas suas dôres, para profundarmos a beleza moral que ha no lindo gesto dos jogadores portugueses e espanhois.

Festas como esta não têm apenas o publico dos apaixonados. Têm o publico de toda a cidade—porque a cidade, entre todas misericordiosa, que tanta esmola espalha, que tanta lagrima enxuga, que tanto dinheiro distribui pelos seus dez mil pobres, não se esquece hoje, decerto, que sobre a bandeira dos dois clubes, cordialmente adversarios, flutua a bandeira das crianças do Hospital de Campolide.

Elas erguem as mãozitas palidas e afiladas revolutiando bençãos sobre aqueles que, não as esquecendo, não se esquecem do que devem ao seu coração e aos seus filhos...

* * *

O Sport Lisboa e Benfica vai hoje dar, por intermedio do seu primeiro «onze», mais uma prova brilhante do que vale uma excelente orientação tecnica, acatada e seguida com disciplina e entusiasmo por um punhado de jogadores, todos vindos até á primeira categoria por passos seguros desde as mais inferiores categorias, num progresso constante, tanto sob o ponto de vista de sciencia do jogo como sob o ponto de vista de entrenamento fisico. Grande parte dos seus jogadores vêm mesmo dos grupos infantis onde começaram a aprender, dos bons mestres que ha no clube, as boas noções do verdadeiro «association».

José Pimenta, capitão do S. L. B.

Assim se explica que, durante temporadas seguidas, as exibições do Benfica se caracterizem, mais frequentemente do que as de outros clubes, por jogadas inteligentes e de boa tecnica. A orientação dos dirigentes do Benfica, que crêmos ser unica no nosso meio de «foot-ball», consiste em completar as suas linhas com elementos muito seus, escolhidos entre os melhores das linhas imediatamente inferiores, dispensando absolutamente o reforço feito com elementos estranhos.

Daqui resulta que o tipo de jogo do Benfica—digamos assim—se tem conservado o mesmo através épocas seguidas, apenas variando os recursos fisicos das suas linhas, devido ás caracteristicas de maior ou menor robustez dos jogadores que vão passando pelos seus «onzes».

Um jogo em que tome parte o Benfica e em que ele vá disposto a fazer verdadeiro «association», é sempre jogo agradavel de ver-se; e, quer vencido quer vencedor, o popular clube deixa sempre, nessas tardes, uma impressão de agrado que não se desvanece e que, á força de ser frequente, tem feito a fama justa de que o clube goza. Ainda na semana ultima foi o Benfica o clube que melhor jogou contra o Real Deportivo, na opinião mesmo, autorizada mas que poderia ser suspeita, do grande Zamora. Foi, apesar disso, vencido, mas foi vencido honrosamente porque soube jogar e compensar com os seus conhecimentos e coesão a desvantajosa diferença de peso e de estaturas. Ressentiu-se talvez um pouco da falta de treino resultante das ferias do «foot-ball»; mas os excelentes resultados que já depois obteve no Porto, batendo, apesar de lhe faltarem três dos melhores jogadores, duas das melhores «équipes» do norte, e em seguida ao duro esforço de quarta-feira contra os espanhois, vieram provar que a preparação dos «encarnados» é tal que três encontros seguidos, longe de os prejudicar, concorreram para lhes despertar os magnificos recursos quasi adormecidos.

A direcção do Benfica respondeu digna e generosamente ao convite para que o seu grupo jogasse hoje. Os seus homens saberão galhardamente confirmar que os seus ultimos exitos no norte foram justissimos e talvez consigam desta vez, contra o Deportivo, o melhor resultado dos quatro jogos com este feitos em Lisboa, se é que assim não deve já ser considerado o resultado de quarta-feira, que mais propriamente foi de 1-0 que de 2-0, visto que a opinião unanime dos tecnicos é que uma das bolas sofridas foi marcada com deslocação dos atacantes e fora do tempo regulamentar.

O Real Deportivo, numa justa e natural

*

(Continua na 2.ª pagina)

INICIATIVAS QUE VALEM

O ESCOTISMO EM PORTUGAL

Uma instituição que merece ser defendida e respeitada por quantos souberem ter na devida conta o culto do Bem e do Trabalho

OS NOSSOS ESCOTEIROS E A CAUSA PUBLICA













Colonia de ferias da Arrabida
«Dando ao dente...» — Uma sessão da Conferencia Internacional de Escotismo

Colonia de ferias da Arrabida
A 500 metros de altitude. Ao alto: Baden Powell, chefe do escotismo, e dr. Tovar de Lemos

Deve-se a Baden Powel a ideia do escotismo. Foi ele quem lançou a organização dos primeiros agrupamentos de escoteiros. Em breve esta magnifica escola de educação fisica, de revigoramento moral, de preparação para o perigo, de solidariedade humana, se propagou por todo o mundo com magnificos resultados.

A mocidade teve desde então um objectivo. Objectivo cheio de nobreza, que durante a guerra se afirmou brilhantemente. Os escoteiros portugueses têm feito inumeros serviços á causa publica. Em movimentos revolucionarios, inundações, incendios, o escoteiro aparece sempre, curando as feridas, salvando haveres, auxiliando, policiando. Ha anos, num cortejo funebre, em que se tinham incorporado milhares e milhares de pessoas, mão criminosa lançou algumas bombas. O panico que se estabeleceu foi enorme. Toda a gente fugiu. Os soldados, desorientados, faziam fogo, com pontarias baixas. A arteria por onde seguia o cortejo em breve ficou deserta, vendo-se algumas centenas de pessoas estendidas nos passeios. No meio da confusão—uns cinqúenta rapazes ficaram, na rua, firmes e direitos. As balas, as cargas de cavalaria, a explosão terrivel da metralha não abalaram aquela gente moça que, desprezando o perigo, permanecia no seu posto.

Este pequeno episodio demonstra exuberantemente o valor dos escoteiros portugueses.

O «Diario de Noticias», querendo prestar a sua homenagem a esses valentes rapazes e ao mesmo tempo dar ás suas festas e aos seus exercicios gimnasticos a publicidade que eles merecem, inaugura hoje uma secção de escotismo, saudando o sr. dr. Tovar de Lemos, organizador dos primeiros agrupamentos escotistas de Portugal.



SPD trava por margem curta extrema-direita na Alemanha

ELEIÇÕES Em Brandemburgo, Leste do país, partido do chanceler Scholz, que esteve atrás nas sondagens, mantém-se no poder.

Os sociais-democratas do chanceler alemão Olaf Scholz venceram por pouco a extrema-direita da Alternativa para a Alemanha (AfD) nas eleições regionais de ontem, no antigo Leste comunista, segundo as projeções iniciais das emissoras públicas.

O SPD de Scholz, de centro-esquerda, obteve cerca de 31%, contra a Alternativa para a Alemanha, anti-imigração e pró-Rússia, que obteve cerca de 29%, de acordo com as projeções.

O resultado no estado de Brandemburgo oferece um raro momento de tréguas para o governo de coligação de Scholz, que caiu a pique nas sondagens de opinião um ano antes das eleições nacionais.

As eleições em Brandemburgo têm sido seguidas de perto, porque o SPD de Scholz tem governado esta região desde a reunificação da Alemanha em 1990. O círculo eleitoral do chanceler fica na capital do estado, Potsdam, nos arredores de Berlim.

A AfD, que critica os requerentes de asilo, a multiculturalidade, o Islão e o governo de Scholz, esperava replicar o seu recente sucesso eleitoral no Leste. Há três semanas surpreendeu ao vencer a sua primeira votação parlamentar – no estado oriental da Turíngia – e ao ficar em segundo lugar na vizinha Saxónia.

Apesar do seu êxito nas urnas, é pouco provável que a AfD assuma o poder em qualquer estado, uma vez que todos os outros partidos tradicionais, até agora, descartaram a possibilidade de entrar numa aliança governamental com o partido.

O popular líder estadual do SPD de Brandemburgo, Dietmar Woidke, manteve-se à distância durante a campanha do seu colega Scholz.

No cargo há mais de uma década, Woidke lançou também um desafio aos eleitores, dizendo-lhes que se demitiria se a AfD ganhasse.

A AfD, que prometeu "mandar Woidke para a reforma", autocongratulou-se pelo seu forte desempenho. O colíder do partido, Tino Chrupalla, disse que "conquistou o ouro uma vez e a prata duas vezes" em três eleições no Leste este mês.

Um Woidke visivelmente aliviado foi aplaudido pelos fiéis do partido, celebrando a vitória apertada numa corrida em que há apenas algumas semanas o seu partido estava atrás do AfD nas sondagens de opinião. "O nosso objetivo desde o início", disse, era "evitar" que Brandemburgo fosse marcado com um "grande selo castanho", a cor associada ao fascismo.

DN/AFP

Norris vence em Singapura e luta pelo título

O piloto britânico Lando Norris (McLaren) venceu ontem o Grande Prémio de Singapura de Fórmula 1, 18.ª ronda da temporada, e aproximou-se do líder do campeonato, o neerlandês Max Verstappen (Red Bull), que ficou em segundo lugar, a 20,945 segundos. O australiano Oscar Piastri (McLaren) ocupou o terceiro lugar do pódio, tendo ficado a 41,823'.



MOHD RASFAN / AFP

Governo e PS vão reunir para negociar OE

O primeiro-ministro e o secretário-geral do PS vão reunir-se na próxima sexta-feira (dia 27), às 15h00, para debater o Orçamento do Estado para 2025, disse fonte do gabinete de Luís Montenegro.

A informação foi transmitida à Lusa cerca de uma hora depois de o primeiro-ministro ter enviado um comunicado às redações a acusar o secretário-geral do PS de "indisponibilidade recorrente" para uma reunião sobre o documento, alegando que está a tentar marcar uma reunião com Pedro Nuno Santos sobre o Orçamento do Estado para 2025 desde 4 de setembro.

Esta será a primeira reunião pública entre os líderes dos dois maiores partidos sobre o Orçamento do Estado para o próximo ano, depois de duas rondas negociais entre governo e partidos da oposição em que o primeiro-ministro não esteve presente (na primeira, por motivos de saúde, na segunda, por opção do Executivo), o que levou o secretário-geral dos socialistas a também não integrar a delegação do PS.

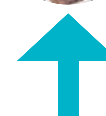
No comunicado enviado pelo gabinete do primeiro-ministro pouco antes das 20h00 referia-se que "o primeiro-ministro está, desde 4 de setembro, a tentar marcar uma reunião com o secretário-geral do Partido Socialista. Porém, até agora isso não aconteceu devido à indisponibilidade recorrente do secretário-geral do Partido Socialista", acusava Montenegro.

DN/LUSA

Sobe & desce

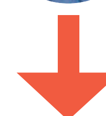
POR **NUNO VINHA**





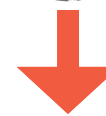
MANUEL PIZARRO
A medida que permite aos médicos do privado e das urgências do SNS passarem baixas é do mais elementar senso comum. Desde março já permitiu aliviar os médicos de família de quase meio milhão de consultas. Mérito a quem o merece: é ainda do anterior ministro da Saúde socialista, Manuel Pizarro.





LUÍS MONTENEGRO E PEDRO NUNO SANTOS
Que pouco reconfortante é passar um domingo a ver o PM e o líder da oposição a trocar acusações de "indisponibilidade" para reuniões sobre o Orçamento. É bem verdade que não há um teimoso sem dois. Também é verdade que já poucos acreditam que haja vontade de chegar a consensos.





RUI COSTA
Uma fraca época desportiva 2023/2024; a insistência num treinador que insulta os adeptos; prejuízos de 31,6 milhões na SAD do Benfica; a balbúrdia na assembleia-geral. Tudo isto tem a assinatura de Rui Costa e sobre tudo isto é o responsável último. Os sócios encarnados devem estar a afiar as facas.





Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro, Mafalda Campos Forte **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** Nuno Silva **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



